

Ubiratan Castro de Araújo

Histórias de Negro



Editora da UFBA

Histórias de negro



Universidade Federal da Bahia

Reitor

Naomar de Almeida Filho

Vice-Reitor

Francisco Mesquita



Editora da Universidade Federal da Bahia

Diretora

Flávia M. Garcia Rosa

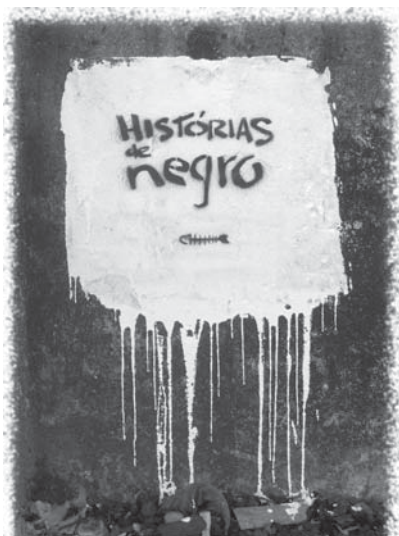
Conselho Editorial

Angelo Szaniecki Perret Serpa
Caiuby Alves da Costa
Charbel Niño El Hani
Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti
José Teixeira Cavalcante Filho
Maria do Carmo Soares Freitas

Suplentes

Alberto Brum Novaes
Antônio Fernando Guerreiro de Freitas
Armindo Jorge Carvalho Sá Hoisel
Evelina de Carvalho Sá Hoisel
Cleise Furtado Mendes
Maria Vidal de Negreiros Camargo

Ubiratan Castro de Araújo
Academia de Letras da Bahia



2ª EDIÇÃO

Edufba
Salvador – 2009

©2006 by Ubiratan Castro de Araújo
Direitos para esta edição cedidos à Editora da
Universidade Federal da Bahia.
Feito o depósito legal.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, sejam quais forem os meios empregados, a não ser com a permissão escrita do autor e da editora, conforme a Lei nº 9610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capa, Projeto Gráfico
Nelson Araújo
nacf4@hotmail.com

Ilustrações / Graffiti de rua
Denissena
www.denissena.com

Foto
Carlos Souza

Revisão Editorial
Ubiratan Castro de Araújo

2ª Edição- 2009

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Araújo, Ubiratan Castro de.
Histórias de negro / Ubiratan Castro de Araújo ; [prefácio de João José Reis]. - 2. ed.,
rev. e atual. - Salvador : EDUFBA, 2009.
180 p. : il.

ISBN 978-85-232-0605-5

1. Contos brasileiros. 2. Literatura africana (Português). 3. Literatura folclórica.
4. Contos folclóricos. I. Título.

CDD - 398.20981

Editora da UFBA
Rua Barão de Jeremoabo, s/n Campus de Ondina
40170-115 – Salvador – Bahia
Tel: +55 71 3263-6160/6164
edufba@ufba.br www.edufba.ufba.br

SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução	13
Conta de somar	17
A praga das águas	33
Sinha Quequé Lemina	43
A bananeira	57
A carne do negro	69
Guarda cívica	79
Tinhorão	91
Samba em Berlim	101
Visitante indesejado	119
Dona Maria Cachorra	133
Vovó bundona	145
O protesto do poeta	159

Prefácio

JOÃO JOSÉ REIS

Ubiratan Castro de Araújo, mais conhecido como Bira, é um admirável narrador de histórias. Até agora sua fama como tal se restringia à narrativa oral na sala de aula, nas mesas de bares e restaurantes. Bira gosta de contar histórias, piadas e incidentes do cotidiano, aos quais acrescenta um tempero especial de graça, irreverência, inteligência e imaginação. Para nosso deleite, o contador resolveu agora colocar o preto no branco, e nos oferece o banquete dessas *Histórias de negro*, onde consegue transferir o talento de sua oralidade para o exercício da escrita.

Bira é também palestrante e professor de História inspirado e provocador. Nesse ramo seu prato predileto é a história do negro, em particular a história de suas lutas no tempo da escravidão. Mas

nosso autor é daqueles que têm opinião formada sobre um leque muito grande de questões do passado e do presente, e portanto seria difícil enquadrá-lo como especialista de algum assunto. É um intelectual humanista. Mas, claro, sabe mais sobre certas coisas. Como pesquisador, tem publicado a respeito da abortada Revolta dos Búzios (ou dos Alfaiates) na Bahia, em 1798, e sobre a participação do negro no movimento da independência e outros episódios de rebeldia baiana. Já publicou ensaios sobre história econômica, seu principal interesse no início da carreira, e sua alentada tese de Doutorado na Sorbonne, onde cobre muitos temas sobre a Bahia no século XIX, aguarda tradução para ser publicada entre nós.

Nos contos agora reunidos combinam-se o contador de histórias e o historiador. Em todos eles sobressaem episódios e personagens que, quando não são “verdadeiros” no sentido estrito, são verossímeis porque podem perfeitamente ter existido, (inclusive os espíritos da sessão mediúnicamente no último conto), ou têm no mínimo uma sopro de autenticidade no contexto em que foram colocados. Se os arquivos estão cheios de ficção, como sugeriu a historiadora Nathalie Davis, a literatura tem muito da realidade.

Os contos de Bira apresentam personagens que a máquina do escravismo e do racismo tentou triturar com maior ou menor intensidade e sucesso, mas o leitor não vai encontrar aqui um mero rosário de lamentações. Tal como aparecem na historiografia recente da escravidão, os personagens deste livro não se deixaram vencer facilmente, não se apresentam como vítimas absolutas, mas também não são heróis imbatíveis. São homens e mulheres que reagem, negociam, resistem, atacam, se juntam solidários, às vezes vencem, outras perdem, raramente desistem.

Nesse sentido é exemplar a sabedoria do escravo africano Satu diante do senhor desonesto, uma jóia rara de tradição oral que tenho certeza será doravante citada com frequência nos livros e aulas de História. A idéia geral é bastante conhecida da historiografia da escravidão no Brasil e alhures – o escravo que se finge de bobo pra fazer o senhor de bobo – mas, aqui encontramos um caso refinado, perfeito, desse estilo sutil, debochado e inteligente de resistência escrava. Já no conto seguinte acompanhamos o sofrimento dos homens vitimados pelo tráfico transatlântico de escravos, que transportou poucas mulheres que eles pudes-

sem amar, casar (ou se juntar) e formar famílias. Como nosso autor sugere, o banzo masculino pode em grande parte ser esclarecido por aí: saudade das mulheres africanas. Através da ficção abre-se uma pista importante para os historiadores do escravismo.

Terminada a escravidão, a história do negro se desdobraria em tentativas mais ou menos sistemáticas de sua exclusão da cidadania, tema explorado nos demais contos. Barrados na entrada de uma guarda cívica republicana, não sem protesto veemente do sapateiro Manuel Firmino, os negros entrariam na Força Expedicionária Brasileira contra o nazi-fascismo, vencendo os loiros alemães para dissabor dos vizinhos racistas de Irineu, o hábil pedreiro e bravo soldado.

Uma guerra mais difícil de vencer – e ainda em curso – seria aquela contra o desemprego, o subemprego, a fome. Nesse caso, a derrota era muitas vezes evitada por mecanismos de solidariedade familiar. Mas nem sempre. Seguindo um enredo comum, o medo da fome fez a família de Dona Maria enviá-la ainda pequena do interior para servir uma família na capital. Depois de usar a menina, a família transfere sua posse – num caso

típico de prolongamento da escravidão após a abolição – para um português avaro, que usufrui do trabalho de Maria sem remunerá-la, abusa dela sexualmente e depois a abandona por uma patriciã que havia deixado pra trás em sua terrinha.

Os personagens de Bira não se congelam na linha justa de uma narrativa politicamente pragmática. Se quiserem mais história, agora cultural, ei-los se movimentando no ambiente animado de ruas, becos, bairros, cinemas, candomblés, igrejas e centros espíritas de Salvador, ei-los enquanto meninos a desfrutar da sexualidade criativa dos subúrbios, outros a falar a linguagem original dos baianos, ou a envergar brim cáqui inglês e portar bigode finamente aparado com navalha alemã, ou ainda a comer do melhor e do pior.

Esses pedaços de vidas de negros pobres e remediados, recriados por Bira, lhe chegaram como parte de narrativas ouvidas dos mais velhos da família, ou como coisas que testemunhou na infância ou então foram extraídas de encontros e experiências que teve já adulto. São, como ele diz, parte de suas memórias mais e menos remotas, memórias que ele sugere sejam incorporadas a um

repertório mais amplo do acervo narrativo do negro brasileiro. Aqui assoma o compromisso com a luta contra o racismo que faz parte da biografia do nosso autor há algumas décadas. A militância, no entanto, não controla o resultado literário. O historiador que relativiza a experiência humana, sua personalidade atrevida e seu engajamento político se encontram com desenvoltura na sessão mediúnica que encerra este livro, um memorável encontro entre o caboclo Ypiranga e o espírito de Castro Alves. Esse encontro simboliza bem o aspecto da experiência do autor mais saliente neste livro saboroso: sua circulação desenvolta entre o popular e o erudito, entre cultura oral e escrita.

Introdução

Aeroporto Internacional Amílcar Cabral, Ilha do Sal, Cabo Verde, 13 de setembro de 2004. A longa espera por uma conexão que me levará a uma outra conexão, que me levará finalmente ao Brasil, deu-me o precioso tempo para revolver minhas lembranças. Esta revolução nada tem a ver com as espetaculares transformações que habitualmente acompanham as revoluções sociais e políticas. Experimento uma pequena revolução, no sentido astronômico do termo, ou seja, o giro de um corpo em torno de seu próprio eixo. Eis-me aqui, negro em África sem ser africano, negro brasileiro fora do Brasil. No fim das contas, um negro em trânsito, cujo eixo é tão somente o meu HD de memória.

Ainda há pouco, ao longo de quatro dias de seminário dedicado à memória do líder africano Amílcar

Cabral, fixou-se em minha cabeça uma palavra de ordem de sua autoria: “Pensar com a sua própria cabeça, a partir de suas próprias experiências”.

Pensar com a minha própria cabeça! Lá isto ainda é possível. Felizmente, a idade ainda não danificou os neurônios vitais da minha área cerebral de memória. Em uma circunstância em que minha âncora é o meu próprio banco de memória, fico insatisfeito com a escassez das lembranças de nossas próprias experiências negras.

Não sou mal agradecido ao meu ofício de historiador. A História vem alimentando a nossa memória coletiva com os relatos do protagonismo dos africanos e dos seus descendentes. Quilombos, revoltas urbanas, combates e batalhas classificam-se organizadamente em contextos, em períodos, segundo regiões e etnias. Há uma História do Negro no Brasil, constituída dentro dos melhores parâmetros internacionais, e o seu ensino é obrigatório em todas as escolas do país, desde 9 de janeiro de 2003, quando o Presidente Lula sancionou a Lei 10.639. Ao nosso talento de trabalhadores da História, tem cabido animar os relatos, construídos a partir do traço frio e distante

dos documentos. Mais do que nunca concordo com Jules Michelet, que nos classifica como vampiros do sangue dos mortos. Falta-nos o viço dos relatos de experiências presenciais.

Olho para a literatura e vejo alguma coisa, porém não muito. Vejo Mestre Didi, Alapinin, supremo sacerdote do culto de Eguns, que relembra o seu cotidiano de menino do Axé Opô Afonjá, armando afoxé, tomando bronca de sua venerável mãe, Dona Senhora, relatando os contos africanos que ouviu dos mais velhos e, sabiamente, deixando a racionalidade antropológica e filosófica para a sua douta esposa. Vejo em Jorge Amado outro exemplo ilustre, relatando as suas experiências de intelectual comunista, convivendo unha-com-carne com sindicalistas, candomblezeiros, pescadores, biriteiros, bregueiras, e até esposas de farmacêuticos, todos pretos, todos baianos. Vejo, com alegria, que a Ialorixá Mãe Beata de Yemanjá registra, com sabedoria, as suas lembranças.

Volta-me à cabeça o desafio de Amílcar Cabral.

Emerge uma convicção desafiadora: cada negro letrado no Brasil tem a obrigação de sistematizar as suas próprias lembranças. A experiência de

cada um é um trecho de realidade vivida, de muita valia para nós mesmos e para outros. Isto justifica a ousadia de trazer a público histórias transmitidas em um contexto de oralidade familiar. São histórias do ordinário, do cotidiano, de homens e mulheres comuns, negros todos.

Histórias de Negro são a minha contribuição para a tarefa de todos nós para a consolidação da memória do povo negro no Brasil. Por volta dos anos oitenta, o historiador Ruggiero Romano afirmava que o trabalho dos historiadores era a permanente reorganização da memória dos povos. Pois que assim seja. Negros, trabalhemos!

Esta é a 2ª edição aumentada com 5 novos contos, inseridos de acordo com a cronologia da resistência do povo negro contra a escravidão e contra o racismo. Ao invés de 7 *histórias de negro*, conta de Xangô, título da 1ª edição, a versão atual com 12 histórias, conta de Oxalá, intitula-se *Histórias de negro*.

CONTA DE SOMAR



131/
05

88
20/09

No Mercado do Ouro, o dia começa bem cedo.
Um aboio cortante ecoa na escuridão.

Ê mingau! De ta-pi-ó-ca!

A humidade e o lusco-fusco da madrugada dão dramaticidade ao pregão de Tia Constança, uma negra reforçada, de cara bolachuda e de coração também imenso. Nunca deixou um parente africano sem um caneco de mingau. E não era qualquer mingau. Era o famoso mingau de Constança. Segunda-feira era mungunzá¹, terça-feira era mingau de milho, quarta-feira era arroz doce, quinta-feira era de carimã, e sexta-feira era de tapioca. Sábado, pra variar, ela trazia beijú molhado, coberto de coquinho ralado, enrolado na folha de banana. Nesse dia, ela trazia também um café preto em um caburé.²

Em volta do panelão de Constança formava-se logo uma rodinha. Eram negros de ganho, estivadores, canoeiros do porto e alguns capoeiras valentões. Os caixeiros portugueses mandavam os moleques de recado comprar furtivamente as jarras de mingau.

Ê mingau! De ta-pi-ó-ca! Apregoava a Tia.

– Ê, lá vem o Ambrósio Bico Mole!

Instala-se um silêncio de missa de sétimo dia. O mulato Bico Mole chega cheio de bossa. Chinelo de bico fino, calça de fustão da tropa de linha³, bonezinho de feltro e um escandaloso dente de ouro. Pior é que todo mundo sabe como ele ganhou aquele dente. Ele era espia de polícia, mais precisamente do inspetor de quarteirão do Pilar. Delatou um alevante⁴ de nagôs que se reuniam no Caminho Novo. Deu-se de amizade com uma criatura do grupo e descobriu a preparação de uma fuga para o quilombo⁵ da Ilha de Maré. Era um sujeito perigoso. Chegou procurando conversa, jogando verde para colher maduro.

– Alô malta, quando é que tem um amalá no quilombo?

Todo o mundo desconversou, ninguém deu ou-sadia. Algumas pessoas murmuraram:

– Dedo duro!

– Cagüete⁶ de polícia!

Ele ficou tão escabriado que saiu de fininho na direção do cais. Passado o perigo, voltou a animação do bochicho. Em meio a risadas, Tia Constança deu uma gaitada gostosa. Com a mão na boca, meio sorrindo, ela exclamou:

– Merda, merda pura!

– Agora vocês vão ter que me contar. Todo mundo está rindo, menos eu.

Para atender à curiosidade de Pé-de-Vento, sisudo capoeira da turma de Besouro, Tia Constança dispôs-se a contar o sucedido.

Era a história da esperteza do Velho Satu, um tio-da-costa, capitão do canto de carregadores⁷ nagôs; na Preguiça.

Por falar nele, ei-lo que aparece em carne e osso, na rodinha do mingau.

Era um homem forte, alto, passado dos 50, rosto comprido, marcado por três lanhos de cada lado. Mancava da perna direita, o que não comprometia o seu passo forte de carregador de ganho. Agora um homem livre, de cabeça erguida e sorridente, o Tio Satu escolhia os carretos e fazia preços para todos os patrícios de nação nagô. Seu orgulho de liberto era que nenhum deles carregava branco na cacunda⁸. Agüentar ovo de branco no pescoço, isso nunca mais. Eles não eram montaria.

– Êim parente⁹, esse povo quer saber a história do pote de merda!

– Ói parente, quem conta um conto aumenta um ponto!

– Não vou tirar nem por, parente, vai ser tudo tim-tim por tim-tim.

E começou o relato.

* * *

Tio Satu vinha juntando uns cobrinhos¹⁰ há mais de três anos para comprar a sua alforria. Era o ganhador que chegava mais cedo no cais da Preguiça.

Carregava de tudo com firmeza e com cuidado. Pela qualidade de seu serviço, ganhava muitas gratificações. Certa vez chegou a ganhar cem mil réis por ter carregado toda a louça e cristais para o palacete de uma baronesa, em Santa Clara do Desterro. Carregou até uma pianola para a casa de um judeu que morava perto do convento de Santa Teresa. Todo esse dinheirinho era escondido em um pote de barro, enterrado no quintal da casa do senhor, na Rua Direita da Saúde.

O que mais lhe doía no cativeiro era entregar o resultado do seu trabalho ao Major Bandeira, seu senhor. Este era um sujeito miserável. Pertencia a uma raça de traficantes da Costa D´Africa, gente impiedosa e muito ignorante. O fruto do seu trabalho sustentava a vagabundagem de Zezito, filho único do tal Bandeira, um eterno estudante de Medicina. Era do tipo flautista. Jamais passou do segundo ano. Na Faculdade nunca punha o pé. Sua vida era a flauta, o violão, a cachaça e as francesas da Rua de Baixo. Começou a dar sinais de tísica, o que fez o Bandeira aumentar a pressão sobre Satu. Ele queria sempre mais e mais. Satu, muito esperto, justificava sempre o jornal que entregava ao senhor pelo seu baixo rendimen-

to, devido ao seu defeito físico. Por ser da Costa d'África, aproveitava para falar errado, fingindo ser um boçal¹¹. Assim, nunca entendia direito uma ordem, e quando prestava conta do serviço, falava tão embolado que atrapalhava os ouvidos do senhor.

– Ai sinhô! Nêgo de pouca valia. Nêgo puxa de perna. Tomba prum lado, tomba pro outro, trupica, e lá vai, os carrego cai, quebra as coisa, os pôvo castiga nêgo. Serviço bom vai pros outro!

– Tá bom nêgo, não tenho tempo para aturar a sua lenga-lenga. Fique certo que estou de olho em você, preto descarado! Se estiver me roubando, vai levar uma surra de cipó-caboclo de tirar o couro!

Seu Bandeira seguia os rastros do Tio Satu, à cata de dinheiro escondido. Era como um gato faminto atrás de um rato.

Quando o pote de Satu, cada dia mais cheio, chegou ao montante de um conto de réis, justamente o valor médio de uma alforria¹² de escravo no ganho, arte do cão! o Bandeira achou o pote en-

terrado no fundo do quintal. Tranqüilamente tirou todo o dinheiro. Afinal, dinheiro de escravo era dinheiro do senhor. Enterrou-o de novo, e passou a ostentar um sorriso sacana de vitória.

Satu não sabia o que fazer. Com a cabeça pegando fogo, procurou a Constança e pediu conselho.

– E agora? Não posso pedir satisfação nem queixar na polícia. Que droga, Satu é cativo!

– Parente, dê um ebó¹³ pra Xangô¹⁴, tome um banho de folha¹⁵ e esfrie a cabeça.

Constança mesmo fez todos os aviamentos. Preparou um banho de dandá, arruda, vence-tudo, tira-teima, espada de Ogum e água do alevante.

Recuperada a tranqüilidade, Satu voltou pra casa com a cara mais abestalhada que conseguiu armar. Procurou o major e foi logo dizendo:

– Sinhô, nêgo muito burro!

– É claro nêgo. Todo nêgo é burro!

– Sinhô, nêgo não saber conta. Sinhô, um conto com mais um conto, bota junto ou bota separado?

– Que história é essa de conto, nêgo? Onde você viu um conto de réis, nêgo?

– Sinhô, nêgo não viu conto, nêgo pergunta: um conto com mais um conto, bota junto ou bota separado? Difíci, difíci pra cabeça de nêgo.

– É claro que é difícil. Vocês da Costa d'África são todos umas bestas quadradas, muito embrutecidos, por isso são escravos!

E sorriu mais uma vez vitorioso. Rapidamente o major pensou com os seus botões: – o Satu devia ter mais um conto réis escondido em outro lugar e, se não encontrasse o dinheiro que ele havia roubado, não colocaria a outra quantia no mesmo lugar. Ele, sim, era um homem inteligente, um senhor de escravos! Ia ganhar dois contos na maior moleza.

– Nêgo, você é ignorante mesmo. Um conto com mais um conto, bota junto pra virar dois contos, entendeu seu energúmeno!

– Sim sinhô, Deus te ajude. O sinhô tá ensinando nêgo a fazer conta.

Major Bandeira não teve dúvidas. Pegou o conto de réis, devolveu ao pote e enterrou-o no mesmo lugar. No dia seguinte voltaria para lucrar 100%.

Durante a noite, Satu fez o que tinha que fazer. Desenterrou o pote, recuperou o seu conto de réis. Para dar uma resposta ao senhor inteligente, espremeu-se todo e obrou dentro do pote, tampou e enterrou de novo. Fez mais. Chamou toda a turma do Mercado do Ouro para estar atrás do muro dos fundos do quintal da Saúde.

De manhã, bem cedo, com o de costume, Bandeira bateu um pratão de feijão¹⁶ com fato, bebeu uma caneca de café preto. Da cozinha mesmo tomou o caminho do quintal para recuperar o que acreditava ser seu. Abaixou-se com dificuldade, cavou, cavou, até descobrir a tampa do pote. Destampou-o. Estava tão ávido que nem reparou no conteúdo. Meteu a mão até o fundo e com força. A merda subiu pelo seu braço até quase o ombro!

– Uh, uh!, fiauí, fiauí! Quá, quá, um conto com mais um conto, quanto é Bandeira? !

A vaia foi monumental. De trás do muro a galera do Mercado do Ouro vibrou. Que inteligência daquele arrogante senhor! E todos se embrenharam pela roça do Hospital Santa Isabel, seguiram pelo Rio das Tripas, até as Sete Portas, onde festejaram com uma talagada o “conto do Satu”.

* * *

A rodinha do mingau exultou. Todos riram muito. Pezão, um capoeira gaiato, chegou a mijar nas calças. Todos tomaram mais uma caneca por conta de Constança. Pé-de-Vento, no entanto, nascido no dia de São Tomé, perguntou incrédulo:

– E ficou nisso só, Bandeira ficou de braços arriados?

– Claro que não, respondeu Constança.

Lá mesmo, nas Sete Portas, Satu passou o dinheiro para a guarda de Constança. Escondeu-se em um dos caçuás¹⁷ que esvaziara quiabos na feira, e partiu para o quilombo da Engomadeira. Lá, um filho de Xangô era sempre bem-vindo.

O Sinhô Bandeira ficou virado no Cão. Ainda melado, brandia o cipó-caboclo, em busca do seu escravo para surrá-lo. Chamou a polícia, chamou os vizinhos, ofereceu até 50 mil réis para quem trouxesse o Satu. Não se sabe bem se pelo feijão-com-fato, se pela raiva, ou se por castigo dos orixás, Bandeira sentiu-se mal, ficou todo torto e dormente do lado direito. O povo da rua disse que foi o vento que passou!¹⁸ O imprestável do Zezito nem se mexeu. Ficou chorando na cabeça do pai.

Constança não cruzou os braços. Procurou Seu Pânfilo, um homem letrado, da turma dos abolicionistas. Ele seria o advogado de Satu. De boa conversa, ele convenceu o Zezito a aceitar um conto de réis pela alforria de Satu. Afinal, este era um valor muito bom por um escravo velho e capenga. Pai e filho partiram para Feira de Santana, uma vila de bons ares, para o tratamento do derrame de um, e da tísica do outro. E assim Satu pôde voltar para o seu canto da Preguiça, liberto e altivo.

– Sujeito porreta! – concluiu Pé-de-Vento.

¹ **Mungunzá** – mingau de milho branco, com leite de coco, também chamado de canjica no sul do país.

² **Caburé** – vasilha de barro para café.

³ **Tropa de linha** – exército. Permanência no vocabulário da organização militar colonial, em que a primeira linha de combate era a tropa regular: a segunda linha eram as tropas de milicianos civis comandados por civis: e a terceira linha, as ordenanças, cumprindo tarefas de polícia.

⁴ **Alevante** – expressão popular de levante, rebelião, revolta. Os socialmente inferiores e os governados deveriam sempre abaixar a cabeça perante os poderosos. Quando alguém era muito subserviente era chamado de corcunda, pois nunca mais conseguiria erguer a cabeça. Quando alguém encarava o superior de frente, era um ato de rebeldia.

⁵ **Quilombos** – aldeias resistentes de negros que fugiram dos locais de cativeiro.

⁶ **Cagüete** – delator.

⁷ **Canto de carregadores** – lugares na cidade em que se reuniam os carregadores de ganho. Cada etnia africana tinha seu canto. Cada canto tinha um capitão, que negociava preços e serviços com os fregueses.

⁸ **Cacunda** – cangote, corcunda. Tipo de transporte urbano individual que usava o homem como montaria.

Sobreviveu a expressão popular de *altanería*: – Ninguém monta em meu cangote ou na minha cacunda!

⁹ **Parente** – tratamento usual que os africanos dispensavam entre si, substituindo o pronome da 1ª e 3ª pessoa do singular. Por exemplo: – Como vai parente?, – Cuidado parente!, – Parente vai lhe ajudar.

¹⁰ **Cobrinhos** – moedas de cobre, dinheiro miúdo.

¹¹ **Boçal** – africano que não falava português, em oposição a ladino escravo que falava português.

¹² **Alforria** – carta de alforria. Documento atestando a libertação de um escravo, obtido mediante compra ou por doação.

¹³ **Ebó** – oferenda a um Orixá, na tradição iorubá.

¹⁴ **Xangô** – orixá da justiça na tradição iorubá. Simboliza a justiça. Historicamente, Xangô foi o quarto rei e organizador do Império de Oió, na Nigéria.

¹⁵ **Banho de folha** – banho de purificação com folhas e ervas cozidas, que integra os rituais do Candomblé.

¹⁶ **Bater um prato** – comer muito e com avidez.

¹⁷ **Caçúá** – grandes cestos de cipó, colocados um de cada lado de um animal, jegue ou burro.

¹⁸ **Passar o vento** – derrame cerebral.

A PRAGA DAS ÁGUAS



Encrespou o Rio Paraguaçu. Da Cachoeira até a Ilha do Francês a água ficou turva, revolta, corredeira. Teodoro sentiu que o tempo virou. Não estava na hora da virada da maré. Cruz credo! O tempo encapelou, escureceu o céu que nem deu pra ver o movimento das nuvens carregadas.

O pescador ficou assombrado. A canoa deu pra saculejar¹ e ele não trastejou², virou de proa e tocou para o Engenho da Vitória, seu porto seguro. Sete vezes seu remo lambeu o rio. Sentiu a marola forte a bombordo. Esfregou os olhos duas vezes, não acreditava no que via. Um grande peixão-mulher, sereia negra de cabelos trançados com pedrinhas de diamantes, em vigorosas rabanadas rebocava uma sereia-menina, inanimada, com marcas de sangue em sua parte mulher. Assombração! Malembe³, meu pai!

Bartolomeu Ciríaco do Espírito Santo, o Memeu de Maria Preta, era o caçador de caranguejos mais abalizado de Maragogipe, Conhecia todo o emaranhado dos mangues do Guai. Nada temia senão Vovó do Mangue. Ela era da família das Nanãs Burokôs⁴, senhoras da lama, avós das orixás fêmeas, mulheres poderosas e vingativas.

Serpenteando pela floresta dos paus do mangue e das aroeiras ele viu a Vovó do Mangue que passou esgueira sobre a lama, como se voasse.

– Para onde iria aquela velha? Tremeu de medo. Ele nem olhou duas vezes. Baixou a cabeça e jogou ao longe todo o fumo de corda que trazia, para abrandar a Vovó.

Sete dias e sete noites ninguém pescou. Quem se arriscaria naquelas águas?

Junto com a fome, os boatos correram por toda a beira d'água, e com eles, as narrativas de Teodoro e de Memeu. Um tropeiro apareceu na Cachoeira com as notícias do aparecimento do Nêgo d'Água. Ele era o apaixonado da Mãe d'Água, o fornecedor das pedrinhas de diamante para as suas tranças. Quando zangado assumia a forma de

sucuruiuba⁵, o grande terror de todos os ribeirinhos do Paraguaçu, principalmente os de Iaçú.

– Aí tem jacutinga!⁶

Assim matutou Pai Véio, antigo morador do Caquende. Uma sereia chorando a filha, uma avó assombrando o mangue, um apaixonado fazendo arruaça, pensou alto.

– Hum! Aí tem coisa!

Todos caíram na real de que aquilo era coisa de encantado. As casas de santo não tiveram mais sossego. Nem no Gêge, nem no Nagô, nem no Angola o povo encontrou uma resposta. O último recurso era Sinha Emetéria, uma velha esquisita que morava em Nagé. Ela recebia o caboclo Guarani. Foi ali que o encanto começou a se revelar. O caboclo manifestou-se, assustado, praguejando, pedindo perdão aos mais velhos. Sua história era terrível.

A sereia grande era a Mãe d'Água, e a menina era Janaína. Enquanto trançava os seus cabelos nas pedras da cachoeira, foi capturada pelo filho do Barão, que a levou em uma rede. Fez todo tipo

de perversidade com a sereia-menina, só porque não achou na sua parte peixe os órgãos para satisfazer os seus instintos de tarado. Logo ela, que era donzela de beijo. Seus olhos foram vazados, os bicos dos seios arrancados a dentadas, sua pequena cloaca de peixe rasgada a faca, como se fosse possível improvisar uma vagina. A coitada sangrou até morrer. Todos se indignaram com a maldade daquele monstro. Imagine a revolta da Mãe d'Água.

Aquele rapaz herdou o instinto assassino do Barrão, conhecido pelas perversidades que cometia contra os seus cativos. Era useiro e vezeiro em fazer malvadezas contra as mulheres negras, escravas, do estupro à mutilação. Não foi uma nem duas criaturas que tiveram o rosto queimado, os seios arrancados e as partes de baixo laceradas. Afinal era um senhor de baração e cutelo, o mais feroz senhor-de-engenho de Cachoeira. Tal pai, tal filho.

Depois de contar o sucedido, o caboclo Guarani estava exausto e apavorado.

– Ele não sabe com quem mexeu! Todas as águas estão em guerra: as águas salgadas e salo-

bras, o reino da Mãe d'Água; as águas doces, do Nêgo-D'água; as águas estagnadas, da Vovó do Mangue.

– É preciso fazer trabalho grande. Concluiu.

Foi um corre-corre rio abaixo e rio acima. Todos os terreiros de Cachoeira bateram, pedindo perdão às Águas. Organizaram um grande presente, com todos os perfumes e miçangas. O barco saiu cheio. Dizem até que um garimpeiro, vindo de Rio de Contas, botou no balaio algumas pedrinhas de diamante. Os marisqueiros de Maragogipe arriaram dois rolos de fumo de corda para a Vovó do Mangue. O povo de Iaçú deu uma novilha ao Nêgo D'Água, que em sua forma de sucuri-gigante a enlaçou, quebrou-lhe todos os ossos e finalmente a enguliu.

As águas se acalmaram. Mas a Mãe d'Água clamou por justiça. Decretou a sua vingança contra o assassino, e sobre a cidade de Cachoeira lançou uma praga:

– Ainda trançarei os meus cabelos na varanda da casa daquele miserável! E a casa ficava na parte alta da cidade.

O barão mandou o filho para a Europa, como se a distância afastasse a praga da sereia. Pouco tempo depois, morreu afogado em um lago, na França. O corpo dele foi mandado para a Bahia em um caixão de zinco, cheio de cal, que secou toda a água do seu corpo.

Pobre Cachoeira. Pagou por um crime que não cometeu. Por mais de um século, padeceu com enchentes do Paraguaçu. Era a praga da sereia.

Hoje, a Cachoeira respira aliviada, depois da construção da barragem de Pedra do Cavalo, que represou as águas do Paraguaçu em um lago situado a mais de 200 metros do telhado mais alto da cidade. Para muitos, a Mãe d'Água pode agora trançar em paz os seus cabelos, em um ponto muito mais alto do que prometeu. Para os mais céticos, no entanto, é preciso perseverar nos presentes, até porque a tal barragem foi construída, por um governador geólogo, em cima de uma falha geológica...

– Perdão, Mãe d'Água, perdão!

¹ **Saculejar** – sacudir.

² **Trastejar** – titubear.

³ **Malembe** – perdão.

⁴ **Nana Burokô** – Orixá na tradição Yorubá, labá mais velha, avó, mãe de Omolu e de Oxumarê, habitante dos mangues e dos pantanais.

⁵ **Sucuruiuba** – variante no aumentativo de sucuri.

⁶ **Expressão popular:** aí tem coisa escondida!

SINHA QUEQUÉ LEMINA



Deram-lhe um nome cristão de Guilhermina, mas a língua do Povo da Costa¹ só dava pra chamar de Quequé Lemina. Ficou até parecendo um nome nagô². Depois de muitos anos de idade e de muita caridade que fez para os parentes cativos, passou a ser chamada respeitosamente de Sinha. Havia um acento agudo que distinguia a cor da criatura. Sinhá só para brancas. Afinal esta era a corruptela de Senhora, dona proprietária, condição diferente das pretas que eram apenas Sinha: Sinha Maria dos Açaças, Sinha Pulquéria dos Acarajés, Sinha Quequé Lemina, do Alívio.

Chegou ao Brasil ainda molecona. Os peitinhos mal apontavam. Tinha sido capturada em Jebu³, sua terra africana que nunca mais viu. Foi buscar lenha em uma mata, perto de sua aldeia e foi cap-

turada pelos capitães-de-mato⁴. Jogaram-lhe uma rede por cima e pronto. Atravessou o mar oceano e terminou em Saubara⁵, comprada por um plantador de cana para a função de ama-seca de suas filhas menores. Na senzala passou pelo suplício de todas as cativas, mas não se viciou na cama dos senhores. Reagiu, esperneou, e finalmente descobriu fazer-se inanimada para não dar nenhum gosto ao seu algoz. Foi considerada de pouca serventia na casa grande e foi mandada para o eito, na roça de mandioca. Ali mesmo que ela queria ficar, na lavoura, perto dos seus parentes da Costa d'África.

A natureza lhe fez infértil. Uma libertação. Ela foi poupada de dar crias para o cativoiro. Era só coçar o caroço, e como ela gostava! Não podia ver um macho, principalmente um parente africano, que dava uma coceira... De vez em quando ela fugia para a senzala para vadiar com os parentes. Era uma folia.

– Quequé Lemina chegou!

* * *

Em 1822, durante a guerra dos brasileiros contra os marotos na Bahia⁶, Quequé Lemina atendeu a convocação patriótica das mulheres de Saubara. Reuniram-se as brancas, as mulatas, as pretas forras e as cativas para ajudar as tropas do General Labatut, que estavam acantonadas perto da vila. Os soldados estavam exaustos, de moral baixa e famintos. Decidiram que cada uma levaria uma panela de mingau para o acampamento. Sairam de noite, enroladas em xales, mascaradas como as caretas no carnaval, para não serem reconhecidas. A missão que se impuseram foi alimentar os combatentes e dar um chamego neles, de modo a levantar suas forças morais. Quequé Lemina deitou e rolou. Na noite do mingau ajeitou-se com o destacamento dos negros libertos e deu assistência total a todos. O resultado da intervenção patriótica das Caretas do Mingau⁷ foi espetacular. A tropa partiu no dia seguinte em marcha batida para a Bahia. Lá, juntaram-se ao grosso do Exército de Labatut e deram uma surra nos portugueses na Batalha de Pirajá.

Uma das caretas era prima do proprietário de Quequé Lemina. Em reconhecimento pelo seu

patriotismo, conseguiu a sua carta de alforria. Enfim livre!

* * *

Quequé Lemina foi para Santo Amaro. Na feira, conheceu Antonio, um crioulo⁸ que veio do Sertão. Ele era raizeiro. Sabia tudo de plantas medicinais e de plantas para banhos de descarrego. Era um crioulo que conhecia os fundamentos das folhas. Descendia da antiga nobreza do Reino do Congo. Seu pai, Pedro Manicongo⁹, tudo lhe ensinara dos segredos das plantas africanas. Já moleção, foi agregado de um andarilho que conhecia tudo das plantas do sertão brasileiro, o reputado botânico Antonio Muniz de Souza. Andou com ele nos sertões do Cariri, nos grandes chapadões do Goiás, nas caatingas e nos tabuleiros da Bahia. Aprendeu o que pôde de raízes, de raspas de pau, de folhas medicinais e de venenos de cobra. Acompanhou o seu patrão na guerra do Madeira¹⁰. No quartel de Cangurussu, cuidou dos doentes e tirou muito bicho-de-pé. Ganhou uns cobrinhos e depois da guerra resolveu trabalhar por conta própria. Comprou uma pequena tropa de 3 animais e passou a fazer as suas

próprias viagens para o sertão, de onde trazia as suas medicinas para vender, ambulante, nas feiras do Recôncavo da Bahia.

Além das plantas, Tonho fazia sucesso com suas infusões, todas evidentemente medicinais. À boa cachaça de Santo Amaro juntava cambuí, alumã, erva-doce, pau d'arco, jurubeba, milhomem. Vendia garrafadas de meladinha-de-parida, especiais para os nascimentos dos crioulinhos. Suas andanças pelo sertão o fizeram um conhecedor das cobras venenosas. Botava cobras inteiras em garrafões de cachaça. Eram jararacas, cascavéis, cobras-coral, cainanas e surucucus. Os clientes tomavam grande goladas destas infusões, na crença que estavam curando o corpo contra o veneno das respectivas serpentes. Nunca foi provada a eficiência desta vacina. Mas também é verdade que ninguém ouviu falar que um freguês de Tonho tenha morrido de picada de cobra!

Numa madrugada de segunda-feira, Tonho chegou com o seu burro carregado de folhas e de garrafas. Armou sua tendinha. Começou a urubuservar¹¹ o povo que chegava pra feira. De repente a sua vista bateu em um vulto que se

aproximava. Apurou as vistas e viu um monumento semovente. Uma preta miúda, bem feitinha de corpo, grandes olhos redondos quase esbugalhados, beiços carnudos e bem desenhados e, que bunda! Equilibrava na cabeça um grande balaio cheio de bolas de carimã enroladas na folha de bananeira. Tonho ficou paralisado, como se tivesse sido atingido por uma flecha com veneno de índio. Não trastejou ¹², partiu pra ela e perguntou:

– Crioula, cadê seu Homem?

– Crioula, não! Me arrespeite! Sou Nagô-jebú, sou da Costa!

– Tu tem senhor?

– Tá perguntando porquê? Tá interessado?

Deu um largo sorriso, com uma ponta de desafio devolveu:

– Tu acha quié home pra mim?

– Qué vê, qué vê? Vãobora?

Parece que estava combinado. Pularam pra dentro de um caçua ¹³ vazio, e foi tanto uiuiui, aiaiai, que apareceu um cachaceiro, alferes da Guarda Nacional, armado de uma lambedeira ¹⁴, que começou a fazer um discurso moralista:

– Chicote nesses negros, não respeitam mais as famílias de Santo Amaro!

Tonho pulou de dentro do caçua, todo preto nu, luzidio como uma suçuarana, ainda de pau duro e berrou de raiva:

– Nunca viu ninguém fuder não, seu porra?

Sinha Maria Fateira perdeu as estribeiras, partiu para o Alferes e lhe deu uma descompostura:

– Se compreenda, homem, tá com inveja do crioulo? Só porque tu não pode mais fazer e sua mulher anda lavando a jega ¹⁵ como esquadrão de cavalaria? Aquele espetáculo, às 6 horas da manhã, era uma festa para os feirantes. Todos começaram a rir e deram uma sonora vaia no Alferes:

– Chifre de ouro!

Os dois, Quequé Lemina e Tonho já saíram dali amigados. Juntaram-se na cama e no trabalho, ela nos beijos e ele nas infusões, e foram felizes por mais de dez anos.

* * *

A história do caçuá correu meia Bahia. Espalhou-se a novidade que a infusão de Tonho levantava até pau de defunto. Os negócios prosperaram. Durante a semana eles circulavam pelas feiras de Santo Amaro, de Saubara, da Vila de São Francisco e até do povoado das Candeias. Passados uns três anos, mudaram-se para Salvador, onde montaram uma barraca de folhas no Mercado de São Miguel. A Barraca Saubara era muito concorrida. O Povo de Santo ia buscar os aviamentos dos ebós e dos banhos de folha. Os cachaceiros disfarçados iam buscar as infusões sob pretexto de cuidar da saúde.

– Tonho, me dá um alumã que eu estou com dor no figo ¹⁶!

– Tonho, me dá um cambuí que a patroa anda reclamando das minhas forças!

Além de aprender tudo de folhas com seu marido, Quequé Lemina desenvolveu o dom de cuidar dos doentes. Tirava bicho-de-pé, espremia tumores, preparava e aplicava emplastos e chegou mesmo a administrar os famosos clisteres, infusões injetadas pelo rabo dos pacientes para lavar-lhes os intestinos. Cuidava de toda gente, especialmente dos Tios da Costa. Eram todos seus parentes ¹⁷. Davam pena. Eram homens muito velhos, sem família, estropiados pelo trabalho da escravidão, que viviam em porões escuros, as chamadas lojas. Eram escravos de ganho, organizados em cantos de trabalho¹⁸. Depois de velhos, sem serventia, ficavam à míngua, sem ter ninguém por si. Muitos aleijados, alguns tinham feridas crônicas, todos padeciam de coceiras, piolhos, chatos e frieiras. Os pés, esse era um grande problema. Pelo estatuto da escravidão tinham que andar descalços. Pisavam em areia, em pedra de ponta, em chão quente do meio-dia. Pés inchados, rachados e feridos, é o que mais se via.

Ela fazia tudo para atenuar o sofrimento desses Tios. Lavava, limpava, medicava os ferimentos com ervas e infusões. Ela comprou uma caríssima navalha alemã, com a qual raspava a cabeça

dos Tios, para combater os piolhos. De alguns mais velhos, chegou mesmo a raspar pentelhos para debelar a praga dos chatos¹⁹ e dos respectivos esquizustulins²⁰. Jamais cobrou nada dos seus pacientes. Em compensação, nunca faltou em sua casa uma fruta, um legume e um embrulhinho de acarajé, depois das seis da tarde. Era tudo presente do povo agradecido. Pelo seu jeito atencioso e eficaz de tratar dos velhos, mereceu o tratamento cerimonioso de Sinha Quequé Lemina, o anjo da guarda dos pretos velhos.

Depois da morte de Tonho, bem velhinha, ela continuou a sua missão. O pessoal do mercado arranjou uma menina que a acompanhava em suas visitas, para carregar o mocó de plantas e medicamentos. Um dia de segunda-feira, Sinha Quequé Lemina foi embora para sua terra africana, Jebu, levada com toda cerimônia por seu Obaluaiê²¹ querido.

¹ **Povo da Costa** – sinônimo de Africano, no século 19, na Bahia.

² **Nagô** – Yorubá.

³ **Jebu** – Antigo reino, na atual Nigéria, tributário do Reino de Oió.

⁴ **Capitães-do-mato** – caçadores de escravos.

⁵ **Saubara** – antigo distrito de Santo Amaro, hoje município emancipado.

⁶ Guerra de Independência na Bahia. 1822-1823.

⁷ Ainda hoje as Caretas do Mingau são lembradas nos festejos cívicos da Independência, no município de Saubara.

⁸ **Crioulo** – negro nascido no Brasil.

⁹ **Manicongo** – denominação da antiga nobreza no Império do Congo. Eram também manicongos os governantes de cada província e de cada reino tributário do Império.

¹⁰ **Guerra do Madeira** – Guerra de Independência na Bahia.

¹¹ **Urubuservar** – observar de longe.

¹² **Trastejar** – titubear.

¹³ **Caçua** – dois grandes cestos de cipó, atrelados um de cada lado da sela de um animal de carga.

¹⁴ **Lambedeira** – punhal longo de dois cortes, com um longo sulco no meio da lâmina para escorrer o sangue da vítima.

¹⁵ **Lavar a jega** – fartar-se, aproveitar bastante.

¹⁶ **Figo** – expressão popular para fígado.

¹⁷ **Parente** – tratamento que dispensavam entre si os africanos na Bahia.

¹⁸ **Escravos de ganho** – grupos de carregadores de ganho, escravos, reunido por etnia e comandados por um capitão de canto em um ponto da cidade. Ali se contratavam os serviços.

¹⁹ **Chato** – tipo de parasita que habita nos pelos pubianos e nos órgãos genitais. No sentido figurado uma pessoa desagradável e persistente.

²⁰ **Esquizustulins** – Expressão humorística popular- o chato que dá na púbis do próprio chato.

²¹ **Obaluaiê** – Orixá na tradição dos Yorubás, responsável pelo combate às epidemias e pela atenção aos doentes e aos mortos.

A BANANEIRA



O veraneio em Dias Dávila era uma delícia. Durante um mês de férias, experimentávamos uma vida inteiramente diferente da rotina de Salvador. O mais estimulante era a vida sem luz elétrica. Nada de geladeira ou de televisão; rádio, só o velho Transglobe de pilhas. O mais impressionante era o breu do interior. Se não havia lua, o escuro era total. No centro da vila, na rua, como chamávamos, o motor era desligado às oito. Apagava-se então o longínquo clarão, no raio de muitas léguas. No céu, as estrelas, e abaixo delas os vagalumes faziam a festa. Às vezes, uma intermitente luzinha ao longe, provocava um arrepio de medo. Era o boitatá, aliás, biatatá ¹, na linguagem da Velha, minha mãe. No meio deste breu, ela nos contava casos de assombração.

* * *

Logo depois da escravidão, ainda viviam na Bahia muitos tios-da-costa, velhos africanos de fala embolada, temidos pelos seus saberes mágicos. Assim era Tio Terêncio. Sempre cortês com as mulheres, tratava todas como “minha zifi”, ou seja, minha filha. Era o entregador de carvão mais querido em todas as quitandas da Saúde e do Santo Antônio. Foi escravo, comprou sua alforria à custa de muito trabalho e muita privação. Não voltou para a Costa D’África no navio da Sociedade Protetora dos Desvalidos, o famoso patacho Aurora, por considerar-se velho demais para começar vida nova. Morava só, em uma casinha de porta-e-janela, na Roça do Lobo.

Tio Terêncio era um homem de bom acomodar. No entanto, carregava todas as seqüelas da escravidão. Aliás, escravidão era cativo de homem. Os senhores do Brasil queriam braços para o trabalho pesado. As mulheres, para os serviços domésticos, eram um artigo de luxo. Por isso, a maioria dos prisioneiros da senzala jamais teve chance de tocar em uma mulher. Assim era o Tio Terêncio, um homem muito só. Enquanto foi cati-

vo, nunca se casou ou se amigou com ninguém. Afinal, para que dar cria para o cativoiro. De quando em vez, uma velha “parente”, assim se tratavam os africanos, fazia uma caridade ao “parente”. Mesmo assim, à custa de muita adulação. Afogar o ganso ², só de caju em caju ³. Mas quem disse que a abstinência habitual matava o desejo? O Tio da Costa tinha um olhar muito pidão, especialmente para o lado de Lila, uma mulatinha sarará, de cabelo de ferro, amarelo-fogo como os fiapos do tronco da bananeira.

Cada dia que o Tio Terêncio encontrava com Lila na porta de uma quitanda, ele pedia com muita cerimônia:

– Mia Zifi, me dá uma mechinha do seu cabelo!

– Se aquiete, meu tio! Pra que você quer o meu cabelo?

E ele pedia sempre e sempre. Era uma obsessão. Diante de tanta insistência, Lila resolveu por um fim naquele assédio. Certo dia, no caminho da quitanda, ela arrancou muitos fiapos do tronco de uma bananeira, crespos e da cor do seu cabelo, fez

um bolinho na mão como se fora uma mecha. Ao avistar o Tio Terêncio, Lila foi logo dizendo:

– Taí Tio, a mecha que o senhor me pede tanto!

O tio ficou radiante. Nem reparou no ninho amarelo. Segurou-o com as duas mãos, esqueceu todas as entregas de carvão e voltou correndo para casa. Invocou e incomodou todos os ancestrais, orixás e eguns. Não escapou nenhum. Seu pedido era muito claro. Que a dona daquele cabelo batesse à sua porta, à meia noite, de camisola! Aí o tio ia se esbaldar.

Nesse dia Tio Terêncio se produziu a caráter. Tomou um banho com sabão da costa, encharcou-se de água de cheiro, calção branco de morim e bata rendada da alvura das espumas. Cheio de tesão, mal tirava os olhos do relógio de algibeira. E essa meia-noite, como demorava! Por um momento passou por sua cabeça imprecisar contra os orixás, logo ele que cumpriu todas as suas obrigações dos 7, dos 14 e dos 21 anos! Isso não! O respeito que dedicava aos seus ancestrais e a certeza do atendimento do seu pedido impediram a blasfêmia.

E os ponteiros do Roscof⁵ corriam com uma falta de pressa que parecia pirraça. A imagem daquela sararazinha rechonchuda, soltinha dentro de uma camisola de cambraia de linho... Valia a pena esperar.

Os ponteiros se juntaram, era meia noite. Batem na porta.

O tio salta da beira de sua cama, elástico como um leopardo, abre a porta e abraça a sua presa. Sentiu um corpo frio e roliço. Apurou as vistas e o que viu? Uma bananeira vestida de camisola!

Como em todo caso de terror contado pela Velha, a vítima caía dura, assombrada. E assim foi com o Tio Terêncio.

– Bem feito! Dizia ela. –Velho desassuntado, Vê se pode, incomodar Orixá pra se aproveitar de menina nova.

Fui dormir com a pulga atrás da orelha. Será que o velho tio-da-costa merecia aquele castigo?

* * *

No veraneio, o dia era o extremo oposto da noite. Claridade desde as 6 da manhã. Ganhávamos o tabuleiro logo cedo. Havia muito que fazer. Banho de rio, pescaria de piaba, caçada de cobra e de rolinha fogo-pagô, um gol-a-gol, e na hora do descanso a turma sentava para conversar. Éramos meninos do mesmo tope, filhos de veranistas e nativos, filhos de ferroviários da Leste. Rolava papo de futebol, de cinema e, com certeza, casos de putaria. Na verdade cada um contava suas experiências sexuais como forma de bravata e de afirmação de masculinidade.

Os meninos da turma da Ribeira, relatavam com orgulho as espetaculares provas das olimpíadas sexuais da península itapagipana: o arremesso de sêmen à distância, na Ponta de Humaitá e a bronha submarina, na praia do Bogarí. O mais excitante de tudo era a presença, à distância, de um público-alvo feminino, que fazia de conta que não estava olhando, mas torcia com fervor.

Os meninos do Santo Antônio, bairro muito carnavalesco, cantavam a trilha musical de uma boa

manipulação em baixo da janela das irmãs dos outros:

É de micocó ⁶,
É de conveniência,
Não gasto meu dinheiro
Nem pego doença.

Os colegas de Jacobina contavam mil e uma histórias de desaperto com cabritas e jeguinhas na beira dos barrancos. Até um sisudo companheiro, vindo de Poções, e que quase fora internado no Seminário, confessou ter incomodado algumas galinhas.

Para ser diferente, resolvi contar um caso de sacanagem de terror. Todos ouviram com atenção a desventura do Tio Terêncio. Reginaldo, um menino de Rio Real, última estação antes de Sergipe, tomou a defesa do tio e afirmou:

– Lá em minha terra, a gente cava o tronco da bananeira, fofa bem o buraquinho e... ferro na boneca!

Como se houvéssemos combinado, todos gritamos:

– Véio retado!

Diante desta reação diurna e masculina, revi o final do meu caso de terror. Bem que o tronco da bananeira podia ter um buraquinho sergipano. Do jeito que o Tio Terêncio estava a perigo, eu acho que ele se desapertou com a bananeira mesmo, sempre na intenção da sarará!

E assim, eu aprendi que as histórias podem mudar de significado da noite para o dia.

¹ **Transglobe** – Grande rádio de pilhas, que sintonizava em ondas médias, longas e curtas.

² **Boitatá, biatatá** – Fogo fátuo que assombrava.

³ **Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD)** – Primeira instituição de previdência no país. Fundada em 1832, pagava pecúlios, comprava alforrias, organizava viagens de volta à África. É atuante até hoje, e tem a sua sede no Terreiro de Jesus, em Salvador.

⁴ **Afogar o ganso** – Copular.

⁵ **De caju em caju** – De ano em ano, na safra de caju.

⁶ **Roscof** – Marca de um antigo relógio de bolso, relógio velho, ordinário.

⁷ **Bronha** – Masturbação masculina.

⁸ **De micocó** – Como mico, pequeno macaco, animal libidinoso que se masturba em público.

A CARNE DO NEGRO



[CARNE NEGRA]

Filho de pais velhos tem que se habituar às oscilações conjunturais da saúde da família. Acostumado ao bife passado em gordura de toucinho derretido e à sua deliciosa seqüela, o torresmo, de quando em vez via-me obrigado a enfrentar situações de estremoado regime alimentar. Cada vez que a pressão arterial do Velho, meu pai, saía dos limites, eu era surpreendido pelo chuchu cozido sem sal e pela abominável “mantinha moqueada”, ou seja, um bife aberto e batido, grelhado em uma trempe de folha de flandres.

O pior de tudo é que as vítimas eram o Velho, o doente, e seus filhos. Minha Mãe, a autora daquele ato de terrorismo culinário, alegava quisilas¹ familiares para se eximir do consumo daquela sola de sapato desengraçada. Para ela, aquilo era “a carne do nego”.

Esta era uma velha história de terror, do tempo do meu bisavô materno. Manoel Pedro de Santana era músico, maestro e professor de primeiras letras. Seu trabalho era circular pelas vilas dos sertões da Bahia, a serviço dos barões e coronéis, que o remuneravam para a tarefa bem específica de reunir um bando de molecões, ensinar-lhes o bastante para lerem uma partitura musical e tornar-lhes aptos a tocar um instrumento. Após aprenderem a executar uma dúzia de hinos religiosos e de dobrados festivos, seguia com toda a sua família para outra cidade.

Ele era preto retinto, segundo o depoimento de minha Tia-avó Zefinha, casado com Maria Madalena, Sá Dália, minha bisavó, uma cabocla clara que passava por branca. O que causava espanto e rejeição era a inversão dos papéis habituais, um homem preto casado com uma mulher branca. No entanto, como passavam pouco tempo em cada cidade, esta excentricidade não chegava a incomodar. Era um mau exemplo passageiro relevado por todos. Mas, de vez em quando, eles tinham que engolir uma pequena injúria.

Contam os mais velhos que certa feita, em uma destas transmigrações, Manoel Pedro e sua ex-

tensa família - mulher e oito filhos - montaram com seus teréns em uma tropa de mulas e partiram da Vila de Caetitê para a Vila de Rio de Contas. Após um dia de marcha, pousaram em uma fazenda para pernoitar. O pouso era um dever de hospitalidade praticado em todos os sertões, extensivo a todos os viajantes, principalmente em se tratando de uma família inteira. Passaram um café novo, esquentaram-se uns beijos, todos repousaram em segurança.

De manhã o almoço foi reforçado, como de hábito. Cuscus de milho, carne de gado desfiada à moda de roupa-velha, ovos fritos, feijão com carne seca, um verdadeiro banquete. O dono da casa, apesar de sisudo, era um homem cortês, cerimonioso. Insistiu para que Manoel Pedro descansasse mais um dia com toda a tropa.

De repente, entrou na sala uma figura apavorante, diria uma bruxa. Uma mulher toda vestida de preto, inchada, toda encurvada, sem levantar as vistas, sentou-se à mesa. Alguém saiu da cozinha e atirou sobre a mesa um prato com um pouco de farinha de guerra ² e um pedaço de uma carne moqueada, preta e dura parecida com uma sola

de sapato. Com sofreguidão, devorou a carne, levantou-se e meteu-se por uma porta. O dono da casa apenas anunciou:

– Ela está fazendo penitência!

E mais não disse e ninguém nada mais perguntou. O fazendeiro reiterou o convite para mais um pernoite, e saiu para a roça. Os viajantes ficaram paralisados, parecia até que a comida engasgou. Sá Dália quebrou o gelo e perguntou à cozinheira, que servia a mesa, que penitência terrível era aquela?

– Que padre foi este que condenou a moça a um castigo tão medonho?

– Padre nada, Sinhá! Isso é castigo de pai!

Com a maior naturalidade, a cozinheira passou a contar todo o sucedido. A bruxa era a filha única do fazendeiro, moça viva e trabalhadeira, acostumada desde pequena a montar em um burro e a buscar as novilhas desgarradas por dentro das catingas. Era uma bela moça vigorosa. Nos labores da fazenda, conheceu Hermógenes, um pretilho forro, um vaqueiro destemido. Das caval-

gadas pelos matos nasceu uma paixão, que chegou às vias de fato. A terra tremeu quando o fazendeiro, senhor de baração e cutelo em suas terras, soube do romance. Filha dele casada com preto, impensável. Em um acesso de raiva, mandou matar o vaqueiro, e qual uma rês, depois de esquartejado e despostado, teve a sua carne separada em mantas que foram moqueadas na brasa, à moda indígena.

Como se não bastasse esta selvageria, impôs à própria filha o castigo de comer toda a carne do Nêgo. Assim, a cada dia repetia-se aquela cerimonia antropofágica. Louca, a bela moça transformou-se naquele mondrongo que se via. Afinal, embruxou, baixou as vistas, emudeceu.

O caso contado provocou um pavor generalizado em todos os visitantes. Na mesma hora Sá Dália bradou:

– Seu Manuel, vamos embora!

Para não ser mal-agradecido, o Professor pediu à empregada que se desculpasse junto ao fazendeiro por não aceitar a gentileza de mais um pernoite. Era preciso apertar o passo para chegar a Rio

de Contas. Estas eram as regras, ele não poderia ser descortês após ter sido beneficiado pelo pouso e pelo bom tratamento.

Aquela foi a pior viagem já feita pela família Sant'Anna! Maranja vomitava convulsivamente. Zefinha, que era dada a gestos espetaculares, gritava:

– Misericórdia, misericórdia! o que assustava os burros.

Depois de quase uma hora de marcha, Sá Dália explodiu:

– Ah minha Santa Rita! Que crime eu cometi para merecer este castigo? Viver rodeada de negros! E ela carregou um pouco mais do que o habitual nos erres.

O professor Manuel Pedro continuou calado, impassível, habituado desde pequeno a engolir sapos. Ele saiu do sério quando Sinhô, como era chamada por ele minha avó Malvina, começou a tremer-se toda, de maneira incontrolável. Logo, sua filha querida. A única preta retinta como ele, e por isso a mais discriminada da família. Criou-se entre ela e o pai uma grande cumplicidade.

Quando ele estava de calundu,ela era a única que entrava no quarto para levar o alimento e para tirar o despejo. Por ser muito calada e muito trabalhadeira, ele apelidou-a carinhosamente de Sinhô, um rapazinho!

A tropa parou, ela foi apeada, colocada no chão por cima de uma manta. Esfregaram-lhe álcool na testa e nas têmporas. Manoel Pedro abraçou a filha e sussurrou-lhe algumas palavras ao ouvido até quem ela se acalmasse.

E a viagem seguiu.

Chegada a tropa a Rio de Contas, o Professor Manoel Pedro apresentou-se como de praxe ao patrocinador, recebeu o adiantamento, alugou casa, instalou a família, mas o incidente da viagem roía-lhe a alma. Procurou os amigos do clube abolicionista. Contou-lhes tudo tintim por tintim. Demonstrou-lhes sua intenção de denunciar o fato à Polícia. Afinal tratava-se de uma barbaridade. A turma do “deixa-disso” entrou logo em ação.

– Professor, essa história é absurda demais. Que provas vosmecê tem da materialidade deste

crime? É sua palavra contra dele. Palavra de um negro ingrato que recebeu pouso e regalia para depois caluniar o seu benfeitor. Isso em 1885!

Ficou o dito pelo não dito. Manoel Pedro entrou em calundu e a fiel Malvina guardou sentadinha a porta do quarto do pai.

¹ **Quisila** – interdição alimentar. Expressão do Candomblé.

² **Farinha de guerra** – farinha de mandioca.

GUARDA CÍVICA



Manuel Firmino acordou diferente naquela terça-feira. Nem deu um beliscão na bunda de Roxinha. Ela reparou. Pulou da cama e espichou-se todo, em um longo espreguiço.

– É hoje! Exclamou radiante.

– Chame pelo nome de Deus, homem! Isso é lá maneira de começar o dia? Parece que está adivinhando passarinho verde.

– Qual é Roxinha, isto é fervor patriótico.

– Frevor de quê?

– De servir à Pátria, Roxinha!

– Ih! Não estou gostando nada dessas conversas...

– A Pátria é a República. O Treze de Maio já libertou os cativos. Agora é a igualdade. Tudo é

tão bom quanto tão bom, assim me disse o Portuga.

– Tu é mesmo um desassuntado. Onde já se viu igualdade pra crioulo. Não tô vendo nenhum ordenança ¹ na rua, caçando recruta . Tá tudo quieto. O Imperador já juntou seus panos de bunda e se foi pra Portugal. Se tivesse guerra, iam precisar dos nêgo pra bucha de canhão.

Manuel Firmino não estava nem aí. O que Roxinha dizia, entrava por um lado e saía pelo outro. Ele estava entusiasmado com a conversa de Portuga, um republicano desterrado da Cidade do Porto. Ele acreditava que este era o caminho natural do Treze de Maio. A República significava que todos os cidadãos seriam iguais perante o Governo. E os negros já não eram livres? Pois que seriam também cidadãos. Isso entusiasmava Manuel Firmino. Ele já não agüentava mais aquela história de gratidão à Princesa, Guarda Negra, bajulação ao Conde D'Eu. Se ele deu ou não deu, foi lá o dele!

Roxinha, no entanto, era encafifada, como uma boa filha de nêgo nagô.

– Se orienta, home! Isso aqui é lá Portugal? Quando que nesta terra de Pires de Carvalho, Bambochê vai ser igual?

Mas o negão estava encantado. Cidadão brasileiro, quem diria!

Desde a posse de Manuel Vitorino no Governo Provisório da Bahia, ouvia diariamente os trechos da "Gazeta" e do "Diário" sobre o novo regime, pela voz do correligionário português. Um dos assuntos mais palpitantes era a criação de uma Guarda Cívica. Além do policiamento de Salvador, ela seria uma tropa de representação, para desfiles e solenidades. No dizer do governador, era a própria face da República. O alistamento era voluntário, para o qual o governo conclamava todos os cidadãos, dando-lhe um caráter de apoio popular ao novo regime.

As lojas da cidade faziam reclame nos jornais do material de fardamento para a guarda: botas italianas, espadas francesas etc... Muitos cidadãos ilustres, médicos e advogados, alistavam-se para o serviço da guarda. Muitos eram os estrangeiros que se apresentavam ao alistamento,

dentre eles o Portuga, que chegou a encomendar uma botina na tenda do Manuel Firmino.

Para não ficar pra trás, nem no patriotismo, nem no lustro da botina, Firmino preparou-se para o alistamento. Mexeu seus pauzinhos ² com os amigos de Caetité e conseguiu as recomendações do deputado abolicionista César Zama e do juiz Dr. Cândido Leão. Apurou na botina nova, mandou Roxinha engomar nos trinques um terno de brim cáqui inglês, chapeuzinho de palha na cabeça, barba feita, bigodinho fino aparado com navalha alemã, saiu saltitante que nem deu um cheiro na Roxinha. Afinal, todos os seus sentidos estavam voltados para a República.

No dia 16 de dezembro de 1889, um mês e um dia após a proclamação da República na Bahia, o jornal oficial do governo, "A República Federal", estampava o escândalo em primeira página. Dois homens pretos haviam sido recusados como voluntários para a Guarda Cívica. Em depoimento concedido ao repórter do jornal, o comandante da guarda, o Major Salvador Pires, declarava que a recusa se justificava por motivos estéticos. Por

serem pretos, eles provocariam uma deformidade na tropa, principalmente nos desfiles e cerimônias oficiais. Dizia ele:

– Se pelo menos fossem mulatos disfarçados...

O redator do jornal era o dr. Virgílio de Lemos, um advogado republicano de idéias positivistas radicais. O seu editorial fez jus à sua fama. Protestou veementemente contra aquele ato, que segundo ele enlameava a República. Recusar o serviço voluntário de pessoas em razão da cor da pele era coisa do regime imperial. No novo regime, todos eram cidadãos brasileiros. E também os negros. Relembrou os relevantes serviços prestados à nação pelos homens de cor, seja na Guerra de Independência, seja na Guerra do Paraguai. Sua indignação era maior ainda pelo fato de terem sido aceitos estrangeiros e recusados nacionais em um alistamento para um corpo militar que deveria ter a cara do Brasil. Por fim, pedia providências ao excelentíssimo governador do Estado para desfazer aquele equívoco.

No dia seguinte, no mesmo jornal, uma nota lacônica desmentia a matéria do dia anterior. O repórter

enganara-se ao recolher as declarações do Major Comandante. Lia-se apenas que os motivos da recusa foram “bem outros”, apesar de os candidatos serem bem recomendados. A matéria encerrava-se com a declaração, do próprio governador, de que o major comandante estava prestigiado. E só.

O governador levou à frente a formação da Guarda. Ela era o exemplo de reorganização do Brasil através da disciplina metódica da força armada, substituta da Igreja na civilização das gentes. E o que se viu, em janeiro, foi a truculência da tal Guarda Cívica, ao pé da Ladeira do Bonfim, dissolvendo a coronhadas de carabina o cortejo da Lavagem. Para o governador, não havia lugar para manifestações como aquela em um Brasil republicano, disciplinado e progressista.

Palmas, batidas na porta. Uma voz melosa gritava:

– Roxinha, abra a porta!

O beco inteiro entrou em reboição. Aquele era um fato novo. Nunca se tinha ouvido falar de

Manuel Firmino em águas ³, daquele jeito. Bêbado, trêbado, quase quadrúpede, foi amparado por Roxinha, que o botou pra dentro de casa, morta de vergonha.

Outra vez a porta se abriu. Entrou esbaforido o Tuíca, aprendiz de sapateiro na tenda do Firmino. Deitado em uma velha cama chamada marquesa, com a cabeça no colo de Roxinha, Firmino dizia frases desencontradas, das quais se destacava a exclamação:

– Rebanho de cornos!

Tuíca contou o sucedido, aliás, o mal-sucedido. Manuel Firmino e Memeuzinho de Nenga, um serralheiro com tenda na Ladeira da Conceição, tinham ido alistar-se no quartel da Guarda Cívica, no antigo Hospício de Jerusalém, na Rua Democrata. Foram expulsos de lá, que nem cachorros sarnentos. Injuriados, procuraram todos os amigos do tempo do abolicionismo. O assunto foi parar nas páginas dos jornais. Os dois passaram a noite toda, de casa em casa, juntando gente para o protesto. No outro dia, reuniram-se em um boteco, embaixo do Parafuso ⁴ do Lacerda.

E a boataria chegou como vento. O governo havia desmentido tudo pelo jornal. O bochicho na cidade era que o motivo da recusa dos dois não era a cor, mas os maus costumes. Um sujeito da estiva, cheio de birita ⁵, foi logo dizendo em tom de esculhambação:

– Vejam só, dois nêgos pretos, enfeitados que nem jegue na Lavagem do Bonfim, foram se alistar na guarda do governador. O comandante foi logo dizendo que os dois moleques eram falsos ao corpo, em português claro: eram pederastas, e que não havia lugar para chibungagem ⁶ na tropa. Estes eram os “outros motivos” de que falava o jornal.

Que mentira deslavada. O Major Comandante havia realmente dito que eles eram retintos, pretos demais para a corporação.

Começou então a risadaria, ninguém mais ouvia os protestos dos prejudicados. O sangue subiu pra cabeça de Memeu, que sacou da navalha e, de um só golpe, degolou o estivador. Fora de si, o capoeirista saiu pela rua, distribuindo pernada em todo ser fardado que encontrava. Quebrou dois marinheiros de porrada e torceu o pescoço de um

soldado de polícia. Subiu a Ladeira da Conceição e, em frente à sua tenda, foi abatido a tiros de revólver por um delegado . Ficou lá, estendido, filete de sangue ladeira abaixo, mal coberto o rosto com o seu próprio paletó.

Firmino encheu a cara e correu pros braços de Roxinha.

– Rebanho de cornos! Repetia. – Porra de República!

– Eu não te disse? – retrucava Roxinha – você nem quis me ouvir!

Tirou as botinas do marido escornado, botou mais carvão no fogareiro, esquentou água para um banho morno. Afinal não ia deixar o seu homem dormir assim, humilhado, sem nenhum chamego.

Com a voz rouca de raiva, ela murmurou:

– Tá tudo entregue ao Orixá!

¹ **Ordenança** – tropa de polícia que fazia o recrutamento.

² **Mexer os pauzinhos** – fazer um pedido a políticos.

³ **Em águas** – embriagado.

⁴ **Parafuso** – elevador hidráulico. Parafuso da Conceição foi o primeiro nome popular do Elevador Lacerda.

⁵ **Birita** – forma abreviada de gibirita ou giribita, nome corrente de cachaça, em Angola, no tempo do tráfico de escravos.

⁶ **Chibungagem** – ação de chibungo.

Chibungo – corruptela de quibungo. Personagem dos contos tradicionais africanos. Grande rinoceronte, com um buraco nas costas, por onde comia crianças. Por extensão, pedófilo.

TINHORÃO



– Lá vem ela!

– É Dona Tinhorão!

Passo largo, andar firme quase marcial, em um ritmo de competição de marcha-a-pé, lá vem a bicheira mais querida da Saúde e adjacências!

Sua estampa é estranhamente bela. Nada tem de masculina ou de feminina. Alta de mais de um metro e oitenta, uma grande cabeça que encimava um corpo reto, seco, qual um pau de vassoura, negra meio fula, com um cabelo rigorosamente espichado a ferro e preso atrás da cabeça, Dona Tinhorão parecia uma figura saída dos filmes de desenho animado. Quando surgiu a Pantera Cor-de-rosa, percebi que se tratava de uma de suas descendentes.

Uma criatura direita, todas concordavam. Ela gozava da confiança inabalável de todas as mães de família do bairro. E não era pra menos! Ela manuseava o dinheiro das pequenas apostas e dos modestos prêmios que distribuía. Jamais se ouviu falar de qualquer deslize ou impropriedade cometida por ela. Era absolutamente profissional em seu afazer de agente lotérica. Conversava com suas clientes, sempre mulheres, e jamais circulou nenhum mexerico. Não era nem de levar nem de trazer. Ali ouviu e ali ficou.

Em cada janela um sonho e, com a atenção de um foca de jornal, ouvia os mais inusitados relatos de suas clientes, delírios e pesadelos que eram todos traduzidos em prognósticos do jogo do bicho.

– Dona Tinhorão, sonhei com um bate-boca horrórico com a vizinha e com o marido dela!

– Vá por mim Dona Beata, jogue no cachorro e na cobra.

– Dona Tinhorão, tive um sonho que me deixou envergonhada – disse a assanhada da Zezé! Sonhei em um quartel com um bocado de homens nus!

– Dona Zezé, que sonho feio! Homem nu parece macaco com o rabo pra frente! Cerque o grupo do Macaco.

O jogo do bicho, com uma pessoa de confiança que vinha em domicílio, era uma das poucas válvulas de escape para mulheres oprimidas por maridos, que faziam do controle do dinheiro o mais obstinado mecanismo de manutenção da ditadura familiar. O dinheirinho contado da despesa era cobrado com veemência pelos maridos, que ainda acusavam as mulheres de gastadeiras. Nunca sobrava dinheiro para o que eles não queriam. Tudo em nome da economia e da estabilidade da família. O dinheirinho a mais que cada uma conseguia com uma costurinha aqui, um bordado ali, um docinho acolá, era costumeiramente confiscado pelos maridos para a braminha com os amigos ou para as despesas com o futebol, na Fonte Nova.

Os projetos das famílias, especialmente dos filhos, eram por conta das mulheres. Hildebrando era um excelente aluno do Instituto Normal Isaías Alves. Seu ideal era seguir o curso pedagógico em segundo grau para ser professor pri-

mário. O pai dele, Seu Zeca, era proprietário de uma fabriqueta de pisos de marmorite e queria seu filho desde cedo no negócio. Para ele, normalista era coisa de mulher. Disse não às pretensões do filho e, diante dos apelos da mãe, proclamou o seu terrível veredicto:

– Corre por sua conta!

Muitos foram os sonhos de Dona Miúda, muitos foram os conselhos de Dona Tinhorão, muitos foram os milhares ganhos no jogo do bicho. No dia da formatura, lá estava o Seu Zeca de fatiota nova, orgulhoso do filho professor. Tinhorão não foi convidada porque, bicheira e preta, envergonharia a família. Nem por isso deixou de orgulhar-se por Hildebrando e sempre que passava perguntava:

– Dona Miúda, como vai meu sobrinho?

– Vai muito bem, Dona Tinhorão, passou no concurso dos Correios e Telégrafos e hoje é o diretor da Agência de Conquista. Depois que o fabrico de Zeca faliu, ele é o arrimo da família.

* * *

A vida pessoal de Tinhorão era absolutamente desconhecida de suas clientes. Todas diziam que ela era uma “onça”, gostava de agarrar as outras, em português chic, era lésbica. No entanto, nos muitos anos de convivência diária, nunca se ouviu falar de um gesto, palavra ou ato de desrespeito ou insinuação sexual a qualquer de suas clientes. Onde morava, ninguém sabia ao certo. Dizia-se que era no Pelourinho, em um casarão de cômodos conhecido como o Trinta e Seis. Se vivia só ou com alguma criatura, lá isto era um mistério.

Para as mulheres, Tinhorão era um exemplo de valentia. Dona Bebé era uma verdadeira furarôncó¹. Sua vida era freqüentar todos os condomblés e depois espalhar as mais surpreendentes histórias, sempre complementadas com a afirmação:

– Eu estava lá, eu vi com estes olhos que a terra fria um dia há de comer!

Ela conta uma passagem acontecida em Portão, relatada por uma muzenza do Terreiro São Jorge da Goméia, do finado Pai Joãozinho. Em uma

casinha perto do rio Joanes, uma grande jibóia atacou sua filha, uma menina de 7 anos. Ela estava de cama, com febre de 41, quando foi atacada pela bicha. A menina estava em pé na cama. A jibóia enrolava-se nela, indo dos ombros até as pernas, indo e voltando, soltando uma gosma em todo o corpo da infeliz. Diziam os entendidos que a bicha estava lubrificando a sua vítima, para depois dar um garrote fatal que lhe quebraria os ossos, para depois engoli-la. Os homens reuniram-se na porta e na janela do quarto, armados de espingardas e facões e, assustados, discutiam como matar a cobra. Diziam:

- Se der uma facãozada, ofende a menina!
- Se der um tiro, fere a menina!

E a cobra continuava a fazer o seu sinistro trajeto.

Tinhorão apareceu e perguntou logo para os homens:

- Que qualidade de homens são vocês? Vão continuar na conversa e não vão salvar a menina?

Raciocínio rápido, corpo ágil, Tinhorão trepou no guarda roupa ao lado da cama e de cima, quando

a cobra fez o trajeto descendente, segurou a menina pelos ombros e sacudiu-a, puxando-a para cima. A cobra escorregou na própria gosma e caiu em rodilha na cama. Aí os homens descarregaram sua artilharia e acabaram com a raça da fera. Se não fosse a coragem de Tinhorão...

Entre os homens ela era muito respeitada e temida. Ela jogava uma capoeira retada, digna do mestre Besouro. Dizia-se que nunca usou calçola. Quando dava um aú ou um rabo-de-arraia², ninguém via nada porque a sua “perseguida”³ era coberta por uma espessa mata de vigorosos pentelhos, mais trançados do que malha de arame.

Benza Deus, mulher valente estava ali!

Os investigadores de polícia e guardas civis, acostumados a acharar bicheiros e outros contraventores, bem que tentaram botar Tinhorão na sua conta de contribuintes. Certa feita, o guarda Bolinha tentou dar uma prensa para exigir jornal, aquela propina diária, cobrada de cassetete em punho. Ele chegou a puxar um revólver para ela. Pra quê fez aquilo? Levou uma pernada que atirou sua arma para longe, uma bênção⁴ bem no meio da caixa dos peitos o deixou sem respira-

ção, com os olhos esbugalhados, e finalmente um rabo-de-arraia o fez lambar o chão do Mercado de São Miguel, na Baixa dos Sapateiros. Pior ainda que, ao esborrachar-se no cimento, mijou-se e borrou-se todo. Que vexame! Perdeu o respeito de vez e passou a ser conhecido como Bolinha Cocô.

Assim como surgiu, Tinhorão sumiu. Ninguém sabe se viajou, se morreu, como morreu. Fez muita falta às famílias. Ficou em nossa memória a lembrança de uma pessoa elegante, digna e bela dentro de suas características, e muito valente.

¹ **Fura-roncó** – bisbilhoteira do candomblé.

² **Aú e rabo-de-arraia** – golpes de capoeira.

³ **Perseguida** – vagina.

⁴ **Bênção** – golpe de capoeira.

SAMBA EM BERLIM



Seu Irineu era um mestre de obra de mão cheia. Bem verdade que gastava um pouco mais de cimento do que o necessário. No entanto, garantia que laje feita por ele nunca selou , nem parede sua nunca trincou. Ademais, estava acostumado a construir trincheiras e fortificações militares. Ele era um ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, reformado como Terceiro Sargento do Exército.

Na hora do rancho, quando ele me explicava os detalhes técnicos da obra e, principalmente, justificava os custos de material e de pessoal, também sobrava um tempo para me contar suas aventuras de pracinha da FEB, na Itália.

Aos dezoito anos, Irineu já era um pedreiro completo em sua arte, um verdadeiro oficial de co-

lher, pedreiro de massa fina, apto para qualquer serviço de reboco ou de estuque. Resolveu deixar sua Tobias Barreto, em Sergipe, para tentar a vida na Bahia. Foi acolhido por sua tia, Dona Mocinha. Era uma criatura muito pacata e prestativa, que morava em uma casinha de porta e janela, situada na Travessa Zumbi dos Palmares, uma ruela que liga a Rua do Jenipapeiro à Rua Direita da Saúde, única em toda a cidade do Salvador que lembra o líder do Quilombo.

Irineu chegou na Bahia em tempo de guerra. Os ânimos andavam exaltados. Os integralistas do bairro ainda não se haviam recuperado do golpe de Getúlio, que alimentou-lhes todas as esperanças e depois decretou o fechamento da Ação Integralista, em 1937. Em repique, apoiavam ostensivamente a Alemanha nazista, o que lhes valeu a denominação de “quinta-colunas”, ou seja, a coluna inimiga que apunhalava o Brasil pelas costas.

De fato, tudo faziam para desmoralizar o esforço de guerra brasileiro. Certa feita, em dia de parada militar, espalharam a notícia do ataque de um submarino alemão em Itapuã, o que provocou

uma desordenada correria. Era a evidência da fragilidade de nossas defesas e da incapacidade das Forças Armadas brasileiras em caso de um ataque real.

Em outra ocasião, quando foi decretado o blecaute em Salvador, mandaram para a Alemanha a informação de que a terceira janela do 2º. Andar da Secretaria de Agricultura, que dava para o mar, permanecia com a luz acesa durante toda a noite, graças à incompetência de um funcionário. Isso valeu um comunicado debochado da rádio alemã, em emissão para o Brasil, advertindo as autoridades militares baianas sobre este furo na defesa e ameaçando bombardear a Secretaria de Agricultura. Isto era a guerra psicológica adversa. Para eles, o Brasil em guerra era uma piada!

A desmoralização do soldado brasileiro fazia parte do programa político dos quinta-colunas. A composição racial do nosso povo era o pretexto. Para eles, o soldado brasileiro era geneticamente incapaz para a guerra moderna.

– Só faltava essa invenção do Getúlio! Onde que esses soldados negros e mestiços seriam capazes de enfrentar os perfeitos soldados do exérci-

to alemão, os mais belos exemplares da raça pura, ariana, superior e disciplinada?

Para humilhar a tropa, diziam que Getúlio havia feito acordo com Roosevelt para fornecer cozinheiros e limpadores de latrina para o exército americano na Europa.

Todos os dias, de manhã cedo, Irineu passava pela venda do Cecílio, na esquina da Travessa Zumbi dos Palmares com a Direita da Saúde, para comprar a sua bóia do meio-dia. Era comida de pedreiro, ou melhor, comida de mata-engenheiro! ¹ De preparo rápido, para ser feita e comida em uma hora de almoço. Tinha que ser também suficientemente indigesta, para ficar rolando no estômago até o fim do serviço. Era a carne de sertão, ponta de agulha, com três dedos daquela gordura amarela. Ao receber a quentura, liberava o óleo que temperava a carne e que animava o fogo de papel de jornal. Também era freqüente o bacalhau de barrica, conservado na salmoura de azeite doce português. Nem carecia de muito fogo. O jogo era rápido. Bastava chamuscar o bacalhau, jogar uma medida de azeite de dendê cru por cima e dar uns sopapos ² de farinha de man-

dioca para fazer o bolo. Para ajudar a descer, um bom gole de cachaça de Santo Amaro... Depois, era só esvaziar todas as moringas de água. Comia-se tudo com todo o sal e com toda a gordura.

– Benza Deus, era preciso ser muito macho pra enfrentar esse rojão!

Irineu não se metia em política. Ele veio de Sergipe para trabalhar, juntar uns trocados e mandá-los para a Véia. Um dia ainda haveria de comprar uma terrinha em Tobias Barreto. Pouco se lhe dava Getúlio, a guerra, os comunistas e os integralistas se engalfinhando... O que mais o irritava era ter que ouvir todos os dias, de manhã cedo, na hora de comprar os sagrados ingredientes de seu rancho, a cantilena dos galinhas-verdes.

Primeiro era o ódio a Getúlio, que tinha todos os defeitos. Depois, era aquele endeusamento da raça-pura. Os alemães eram os melhores do mundo em tudo: mais fortes, mais inteligentes, melhores soldados. Geraldo, chofer da Samdu ³, fazia discursos afetados contra os aliados.

– Os franceses já foram bons soldados – até porque ganharam a Primeira Guerra – mas hoje

estavam degenerados pela sífilis e pelo comunismo. Que derrota humilhante aquela de 40!

– Os ingleses eram a pior raça que existia. Interesseiros, hipócritas, capitalistas, como os judeus, só pensavam em dinheiro.

– Americano, não era pra se levar a sério. O que eles sabem fazer é cinema, mas guerra não se ganha em Roliúde.

– Brasileiro, nem pensar! Está cientificamente provado que a alta incidência de sangue negro na população brasileira produz tipos malformados, tendentes ao crime e às taras sexuais. Assim lhe falaram os lentes da Faculdade de Medicina, que também eram os dirigentes da Assistência Pública. Isso era a mais pura Medicina Legal e Criminologia. Os mestiços brasileiros são bons para capanga e jagunço, para soldado, jamais!

– Aquilo me revoltava – dizia Irineu – mas eu não queria me meter em briga de venda.

* * *

Um dia, desabou sobre sua cabeça a notícia da morte do primo Crisóstomo. Era um cabra tra-

balhador que nem ele. Juntou uns cobrinhos e pegou um vapor para Recife. Estava determinado a mudar de vida. Queria ajudar a mãe e as duas irmãs que ficaram em Sergipe. No meio do caminho, foi para o fundo do mar, junto com quase todos os passageiros do vapor. Soube, também, que isso foi obra de um submarino alemão.

O torpedeamento do Araraquara provocou uma comoção nacional. Os relatos de sobreviventes dão conta do massacre dos sobreviventes do naufrágio. O submarino alemão veio à tona, ligou os holofotes e metralhou os botes salva-vidas. Até hoje, quando fala do assunto, os velhos olhos embaçados de Seu Irineu ficam mareados.

– O meu primo não teve uma chance.

Isso foi a conta. A discussão política sobre a pureza das raças não lhe dizia respeito, mas matar primo seu era uma questão pessoal. O juízo de Irineu pegou fogo.

– Filhos de uma puta! Lá no meu interior isso não fica assim só! Isso tem forra!

Irineu jurou vingança. O sangue de Crisóstomo tinha que ser justificado com sangue de alemão, raça-pura, ariano, o escambau que fosse!

No mesmo dia, largou a obra e foi ao Quartel General, no largo da Mouraria e alistou-se na FEB . Quando o assunto caiu no conhecimento dos intelectuais da venda de Cecílio, foi a maior esculhambação.

– Irineu soldado? Um moleque preto, analfabeto, troncho que nem só, carregador de balde de massa, nem pra cozinha de americano serve!

Irineu nem ouviu as provocações. Sua única idéia era vingar o primo. Comprou uma peixeira ⁴ de cabo envernizado, batizou-a de Alemôa. Todo o dia ele amolava a faca, conversava com ela como se fosse gente. Como ele, ela devia estar preparada e convencida da vingança.

A Dona Mocinha, sua tia, arrancou os cabelos da cabeça. Rogou por todos os Santos para Irineu tirar aquela idéia do juízo. Fez até um ebó ⁵ com Tia Muçula. Coitada, como se ainda tivesse alguma autoridade sobre o sobrinho, ameaçou mandá-lo de volta para Sergipe. Tudo de balde. Irineu agora

pertencia à Nação. Quando ela mal pensou, ele já estava vestido na jéga ⁶ do Exército, destacado para o Rio de Janeiro e embarcado para a Itália.

* * *

Tudo era muito estranho naquela guerra. Muita ordem unida, muito treinamento, muita ciência. Para ele, aquilo tudo era besteira. Ele estava ali para fazer acabamento no inimigo ⁷. Tudo que ele precisava era de sua Alemôa bem afiada. O pior veio com aquele Sargento Peixinho. Ali sim, era um bicho ruim de corte, carne-de-cabeça, caxias ⁸ que só. Confiscou a Alemôa, sob alegação de que peixeira não fazia parte do equipamento militar.

– Nem por isso perdi o gosto da vingança, confessou Irineu.

– Rei morto, rei posto. Dei o mesmo tratamento de primeira à minha baioneta. A bichinha estava como um fio de navalha. Quando soube que os americanos chamavam os raça-pura de Germany, batizei minha baioneta de Maria Germana, substituta de Alemôa.

Tiro pra lá, tiro pra cá, a guerra ia seguindo, até

que um dia, lá estava ele, no meio da tropa brasileira, diante do Monte Castelo.

O relato dos acontecimentos de Monte Castelo deixa sempre Seu Irineu cheio de orgulho. Ele esteve lá. Ele ainda está lá. Ele vive este passado. São feitos heróicos que ninguém pode lhe tirar.

A tropa brasileira estava toda no pé do morro, em ponto de bala. Lá em cima, os raça-pura entrincheirados, pareciam mangar ⁹ dos brasileiros. Irineu e os outros não entendiam porque tanta demora. O sargento falou que estavam esperando os aviões americanos, que não chegavam. Isso o irritava muito. Afinal, será que os quintacolumnas ¹⁰ da venda de Cecílio tinham razão? Será que os brasileiros só prestavam para coadjuvantes de filme americano? Ah, isso não!

Logo em seguida, o sargento passou a contra-ordem:

– O General Zenóbio se retou. Com ou sem apoio aéreo ele vai tomar aquele morro na marra! ¹¹

– Ele vai na frente, acenando um lenço branco. E enquanto a gente enxergar o lenço, a gente vai atrás.

Dito e feito. Quando Irineu viu aquele lenço branco na linha de frente, sentiu que a hora era essa. Agora eles iam ver o quanto valia o soldado brasileiro.

Que nem um sagüi ¹², Irineu subiu aquele morro, caindo e levantando, rolando de banda, saltando de um lado pro outro, que nem contavam do Volta Seca, o único sobrevivente do bando de Lampião, que cumpria pena na Bahia.

E tome-lhe tiro!

Sem ninguém lhe mandar, deitou o mosquetão de banda e desembainhou a Maria Germana. Tirou o pino e mandou uma galinha pulando ¹³ pra cima da trincheira dos gringos. A granada caiu muito acima do ninho das metralhadoras. Foi o tanto do inimigo se jogar no chão. Que nem um gato, num pulo só, Irineu estava dentro da trincheira do inimigo. Um nervosinho se levantou, com um parabellum ¹⁴ na mão, e recebeu nos peitos uma lapada da Maria Germana. Foi um talho só, do pé do pescoço à espinhela. Um outro engraçadinho se levantou com o fuzil engatilhado e foi derrubado pelo fogo da infantaria brasileira. Os outros três da guarnição, quando viram aque-

le negão, com a Maria Germana querendo mais, levantaram com as mãos pra cima, gritando:

– Ai, Ai, Ai!

Em um segundo, tudo passou pela sua cabeça. No chão, dois estrebuchavam. Os três em pé, tremiam que nem vara verde. Um deles se mijou todo.

A confusão era grande, estampidos, explosão de morteiro, de granada, berros, gemidos, aquilo era terra em que filho chora e mãe não ouve! Nessa hora, Irineu ouviu uma voz de mulher no pé do seu ouvido:

– Vamos lá, Irineu, falta mais um. Vamos fazer uma cesariana naquele galeguinho dos óio azul, pra ver se nasce tripa!

Era o diacho da Maria Germana. Bebeu sangue e queria mais.

– Se aquieta, coisa ruim! Não sou matador, só vim fazer justiça. Um por um tá mais que bom!

Quanto mais Irineu gritava com Maria Germana, mais os alemães se apavoravam, pensando que era com eles. Era um tal de:

– Ai,ai,ai!

Nessa hora, felizmente, o Sargento Peixinho subia com o resto da companhia.

– Prisioneiros sob controle! Vamos embora, soldado, tem mais lá em cima pra gente pegar!

Imediatamente, jogou Maria Germana fora, pegou seu mosquetão e seguiu a tropa. Que alívio! Nunca imaginava agradecer tanto a presença do sargento. Já de cabeça fria, por um instante pensou:

– Esses são os superiores, os raça-pura? São uns ordinários que nem nós, não tem diferença, morrem e afrouxam do mesmo jeito. Naquele instante, não passou por sua cabeça nenhum pensamento de vitória ou de superioridade. Ele sentiu muita pena daqueles desinfelizes.

* * *

A volta ao Brasil foi triunfal, passeata, romaria ao Bonfim, discurso de político. Irineu nem se abalou. Chegou em casa, tirou a farda e tomou o rumo da venda de Cecílio.

Geraldo Chofer estava lá, junto aos outros quinquenta-colunas, com uma cara de jegue sem pai. Irineu nem deu bola. Foi direto ao balcão e como um bom sargento, em voz alta, pediu com firmeza:

– Ô Cecílio, bota aí um Samba em Berlim!

Gaguejando, o italiano retrucou:

– Seu Irineu, que negócio é este de Samba em Berlim?

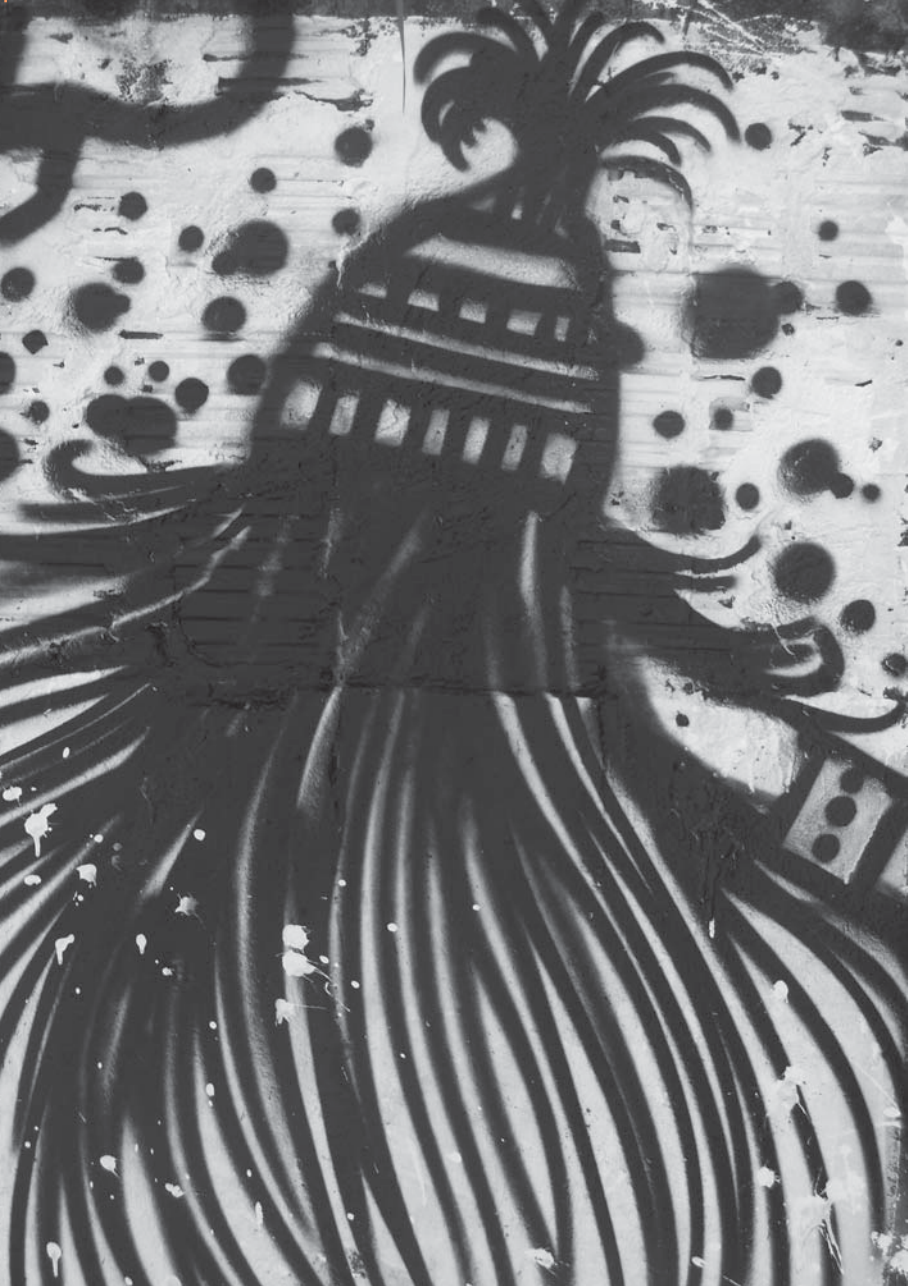
O soldado deu uma fungada de brabeza e explicou, tim-tim por tim-tim:

– Não sabe não, cabra? É branquinha brasileira, CA-CHA-ÇA, não sabe?, misturada com pre-tinha americana, CO-CA-CO-LA, não sabe?, fazendo acabamento em Berlim! Entendeu agora?

E ali, finalmente, terminou a sua guerra.

- ¹ **Comida que mata engenheiro** – comida de peão.
- ² **Sopapo de farinha** – comer farinha com a mão; colocar uma poção de farinha na palma da mão e, de um só golpe, batê-la na boca.
- ³ **Samdu** – Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência.
- ⁴ **Peixeira** – grande faca de ponta usada pelos peixeiros.
- ⁵ **Ebó** – oferenda aos Orixás.
- ⁶ **Jéga** – fardamento; gíria militar.
- ⁷ **Fazer acabamento em alguém** – destruir; destruir.
- ⁸ **Caxias** – sujeito cumpridor de todos os regulamentos; enquadrado; pessoa obcessivamente cumpridora de seus deveres.
- ⁹ **Mangar** – ridicularizar.
- ¹⁰ **Quinta-coluna** – partidários da Alemanha nazista, no Brasil, durante a Segunda Guerra mundial.
- ¹¹ **Na marra** – à força, de qualquer jeito.
- ¹² **Sagüi** – mico, pequeno macaco doméstico.
- ¹³ **Galinha pulando** – lançar granada; gíria militar.
- ¹⁴ **Parabellum** – pistola automática de grosso calibre.

VISITANTE INDESEJADO



As rezas eram uma folia. A novena de São Roque da Tia Do Carmo rivalizava-se com a trezena de Santo Antônio da Tia Nininha. Cada noite de reza tinha um padrinho que financiava o mingau. Tia Do Carmo era viciosamente permissiva. Antes mesmo da reza, ela liberava generosos canecos de mungunzá para a garotada. Tia Nininha era, em oposição, opressivamente mandona. No Santantônio dela, quem não berrasse com fé: – Glo-ri-ô-ô-so San-an-tan-tô-nio, não tinha direito a mingau.

Depois da reza, tias, parentas e vizinhas, se reuniam para o salutar exercício de resenha da vida alheia. Elas cortavam, costuravam e bordavam desventuras, fraquezas e malfeitos de amigos e de inimigos. Só os presentes escapavam, enquanto aí estivessem. Para não serem entendidas, ou

mesmo por pudor e superstição, usavam palavras e expressões estranhas ao nosso vocabulário. Ao invés de “botar chifre no marido”, elas falavam “serrar as canelas”. Por isso, todas as vezes que eu entrava na casa do vizinho, ficava olhando para as canelas dele, intrigado com a falta de cicatrizes. Dos frescos, dizia-se que eram “falsos ao corpo”. Os órgãos sexuais tinham nomes diferentes. O vaso feminino era conhecido como “a perseguida” e o aparelho masculino completo era denominado de “berloques de São Brás”.

Quando uma sobrinha grávida entrava na roda, todas riam muito e exclamavam:

– Menina, comeu feijão azedo!

A assembléia do DIVA (Departamento de Investigação da Vida Alheia) ficava triste, quando o assunto era a visita de Bernardo à casa de um parente ou conhecido.

– Bernardo está na casa de fulano há três dias.

Todas tremiam.

Bernardo era o substitutivo da palavra que não se podia pronunciar: fome. Este era o grande ter-

ror de todas as famílias. Ela era epidêmica, como na crise de 1929. Ela era sazonal, no tempo do paradeiro, meses em que não se exportava cacau em Salvador. Ela era terrível em momentos de doença e morte nas famílias.

Bernardo também andava mancomunado com os maus procedimentos. Maridos cachaceiros, que se desempregavam para cair na gandaia, deixavam a família aos cuidados de Bernardo. Homens mulheristas, espécies de mulhereiros militantes, gastavam o dinheiro com as raparigas e não levavam pra casa senão seus próprios “berloques”. Nestes casos, algumas não se continham e saía o palavrão:

– Pica pura dá gastural!

* * *

Alguns casos mereciam atenção especial. As frequentes visitas de Bernardo à casa do Tio Bené eram o motivo de debates apaixonados. Esta era a principal bandeira de luta do temido PCC, o Partido Contra Cunhadas. A culpada de tudo era Vilma, coitada. Era uma mulher muito educada, muito atenciosa com todos, mas chegada a

dindinha, ou seja, preguiçosa. Ela, a cunhada, tinha transformado o valoroso ex-sargento do Corpo de Bombeiros. Ela o obrigou a dar baixa da Bomba, porque chorava o tempo inteiro, com medo que o seu amado se acidentasse em algum incêndio. Tudo fingimento, diziam as militantes do PCC. O que as cunhadas não podiam esconder era o grande carinho que um demonstrava pelo outro. Eles formavam um belo casal. Ambos de boa altura, de pele bem escura e lustrosa, cabelo preto, bem liso como o dos caboclos, eram da qualidade que o povo chama de Cabo Verde. Mas nem isso escapava da língua das cunhadas.

– De que adianta tanto amor sem responsabilidade?

– Fizeram 10 filhos que não podem criar.

– E, mais a mais, Bené não se compreende que é preto – dizia a feroz tia Nininha. Pensa que está em Roliúde pra viver de romance...

Depois de trabalhar com a sogra, em uma barraca de comida, no Mercado Modelo, Tio Bené voltou a viver do seu ofício de carpinteiro, trabalhando em domicílio. Levantava cumieiras, con-

sertava móveis, repregava assoalhos e escadas. Sua fraqueza era a clientela. Trabalhava para um público pobre e de renda instável. Recebia muitos calotes e os fregueses demoravam de pagar. Esta incerteza o tornava um cliente indesejado para os agiotas. A única salvação eram as irmãs.

De vez em quando aparecia uma prima, meio excitada e muito envergonhada, chamava minha mãe no canto, e murmurava:

– Tia, Bernardo está lá, há dois dias.

Essa notícia colocava a família em cheque. Como descobrir sobra em um orçamento tão regrado e todo comprometido? A solução mais freqüente era a gavetinha da máquina Singer. Parecia mesmo que a única utilidade das costurinhas que minha mãe fazia era socorrer os irmãos.

Aquelas visitas doíam muito. Havia um sentimento de revolta e solidariedade com os queridos primos, que não podia se manifestar por meio de nenhum gesto ou atitude pública. Afinal, os vizinhos não deviam perceber nada. Aquilo era um segredo de família. Ficava, também, um sentimento de culpa. Porque eu era tão gordo e os meus primos recebiam tantas visitas de Bernardo?

* * *

Outro caso doloroso era o da Tia Zefinha. Nossa tia-avó tinha mais de 80 anos, a mais velha da família. Ela era magrinha, de cabelos lisos e grisalhos, penteados em uma rodilha presa por longos grampos, atrás da cabeça. Exímia costureira, tinha o dom de transformar roupa velha em roupa nova. Costurava pra fora,mas também costumava em domicílio. Por força de sua profissão, passava longas temporadas nas casas das brancas da Barra. Justiça seja feita, ela sempre foi fascinada pela Casa Grande. Nascida ainda no tempo da escravidão, absorveu todos os preconceitos contra os negros. Ela discriminava ostensivamente as irmãs,sobrinhas e sobrinhos netos de pele mais escura.

Racismo à parte, era uma velhinha fascinante. Viúva sem filhos, desenvolveu a arte de contar histórias da carochinha e histórias do tempo antigo, o tempo da escravidão. A pequena loja de subsolo em que morava, na Rua do Desterro, era um verdadeiro baú de preciosidades. Para as meninas, as grandes tentações eram as caixinhas de costura, muito arrumadinhas, delicadamente

enfeitadas, cheias de miudezas. Também faziam sucesso as antigas revistas de moda, em sua maioria francesas, com fotos de manequins e “debuxos” de vestidos. Para os meninos, a paixão eram livros de contos de fadas e a fabulosa coleção dos fascículos de uma revista chamada *Eu Sei Tudo*, tradução brasileira da *Que Sais-je?* Ela também guardava uma coleção completa do *Tesouro da Juventude*.

Era uma velha sábia. Mesmo assim Bernardo a perseguia. Desde a morte de seu marido, o marceneiro João Guarani, criou uma relação de clientela com uma família da Barra. Passava dias e mais dias remontando, encurtando e ajustando velhas roupas a novas modas e a novos corpos. O pagamento variava sempre em função da sorte do dono da casa, no jogo. Segundo o *DIVA*, a casa dele vivia sempre aberta à jogatina. Até a honra da filha foi jogada na mesa do carteadado. Apesar de tudo, nunca lhe faltou o sustento, nem a pose de rico. Para Tia Josefina, faltava.

Muito orgulhosa, ela jamais pedia nada, apenas recolhia-se à sua casinha. Os parentes procuravam visitá-la com frequência para detectar os si-

nais da visita de Bernardo. De vez em quando, ela era seqüestrada por algum sobrinho, para a alegria das crianças. Quando menos se esperava, ela fugia, sempre alegando o chamado de sua vasta freguesia.

Um outro caso provocava uma verdadeira guerra fria na assembléia feminina, as simpatizantes dos russos comunistas contra as fascinadas habituês do cinema americano.

João da Cruz era um grande militante sindicalista, membro filiado e dirigente do Partido Comunista. Era um negro alto, cabelo cortado à escovinha. Orador de verve tão empolgante quanto o Padre Sadoc, se admitirmos a verdade sociológica que Stalin representava para um o que Jesus Cristo representava para o outro. Estava sempre à frente das greves do sindicato e dos comícios e pichações de paredes organizadas pelo Partido. Nos anos da Aliança Nacional Libertadora, era o intrépido lançador de galinhas pintadas de verde nos comícios dos integralistas. Por sua militância, era um homem marcado pelo Dops e conhecido de todos os secretas do bairro.

A segurança para tanto arrojo era a certeza que o Partido cuidava do sustento e do bem estar de

sua mulher e de sua filha, nas eventualidades de prisão ou de clandestinidade. Pois bem, essa não era a experiência de sua mulher Alzira e de sua filha Olga.

Lá um dia, João da Cruz sumiu de casa. Isto aconteceu logo depois do bate-boca entre Juraci e Prestes no Congresso Nacional. O presidente Dutra aproveitou a oportunidade para cassar o registro do Partido Comunista. Iniciava-se um novo ciclo de perseguições, que incidiram imediatamente sobre João, que era muito visado. Logo no primeiro dia, apareceu um companheiro de partido, de codinome Berto. Disse que fora designado para dar assistência à família de João. Falou, falou, falou. Para não perder a viagem, foi logo dando uma entradas meio ousadas para o lado de Alzira, que o repeliu na tampa.

– Onde já se viu? Procurar ousadia com a mulher de um revolucionário! Não sou eu que vou dar o pretexto a nenhum burguês reacionário chamar meu marido de corno!

– Que é isso camarada! Você entendeu mal. E nunca mais apareceu.

Também os vizinhos e conhecidos se afastaram, com medo de ficarem visados. Os investigadores de polícia, conhecidos como secretas, vigiavam permanentemente a casa, de tal forma que mãe e filha se sentiam em prisão domiciliar.

Um visitante conseguia furar o bloqueio policial: Bernardo. Nos três primeiros dias, acabaram-se o feijão, a farinha e a carne do sertão. Sobrou um pouco de café e um saco de milho-alho, bom de fazer pipoca. E durante sete dias elas tomaram chafé com pipoca. Olguinha choramingava muito.

– Atotô, meu pai Omolu, não me abandone!

Em um sábado de manhã, bateram na porta. Era Pezão, filho de Abigail, a irmã mais velha de Alzira. Tinha vindo da feira de São Miguel, onde comprara os aviamentos para uma obrigação de orixá. Ele foi logo comentando:

– Cadê Tio João? Não estou gostando nada da cara de vocês. Vocês estão de Bernardo?

As duas não disseram nem que sim, nem que não. Sorrindo sem jeito, não escondiam a vergonha.

Pezão foi embora muito constrangido. Lá pelas 4 horas da tarde, ele apareceu de novo.

– Minha mãe está precisando de ajuda, pra festa de Omolu. Ela sabe que Tio João não gosta de Candomblé, mas ele nem está aí, não é? Olhe, minha tia, lá na roça não tem luxo não. É comida braba. Tem o Sobe-e-desce! É água, carne de sertão, quiabo e abóbora, subiu, desceu, comeu!

Olguinha riu muito. Alzira juntou os panos, pegaram o bonde do Retiro e deixaram Bernardo sozinho em casa.

* * *

Na minha infância, nunca tive medo de diabo nem de inferno. Medo mesmo era de Bernardo. Por isto, saía das rezas muito confiante e vitorioso. Afinal, quando o francês São Roque se juntava com o nagô Omolu, botavam o tal Bernardo pra correr.

DONA MARIA CACHORRA



Os meninos da rua entraram em estado de algazarra: berros, gritos, assovios, apupos, gaitadas ¹. Corro à janela, curioso, e com uma ponta de vontade de participar da folia. Alegria igual só podia anunciar a passagem do vendilhão de abacaxi. Ele se dava ao luxo de mercar:

– ABACA...

E um coro de dezenas de meninos completava, em uníssonos:

– Xiiiiiiiiiiiiii!

Logo percebi que não era esta a sinfonia. Ao invés de um coro, dezenas de gritos simultâneos, partidos de lados diferentes, em variados tons, enchiam o ar:

– MARIA CACHORRA, maria cachorra, maria ca-chor-ra, mariacachorra!

Era como um tiroteio de sons, de modo a desorientar qualquer vivente.

– Ubiratan, você está bulindo com Dona Maria Cachorra? Interrogou enérgica a minha mãe, do fundo da cozinha.

– Não senhora, só estou olhando.

– Então passe pra dentro, já!

Aquela era uma cena conhecida.

Dobrando a esquina, surgia um espantalho de mulher, magrela, sarará, meio negra e meio cabocla, com um bolinho de barriga do jeito de gravidez crônica, pele foveira ², cabelos em lasca. Bêbada, cambaleante, ela tentava responder com um soco no ar a cada um dos seus apupadores. Tonta da cachaça e da algazarra, ela imprecava em uma língua incompreensível, na verdade grunhidos que pareciam rosnados de cachorro. Para mais humilhar, os meninos a arremedavam:

– Au,au, au!

Como se combinado, minha mãe e uma vizinha chegam à janela para dispersar a turba.

– Moleques desocupados, respeitem os mais velhos!

Aliviada, Dona Maria Cachorra se desafoga do apedrejamento verbal, tenta se reaprumar em sua coluna já envergada, faz um gesto de agradecimento, sem olhar para as suas duas salvadoras, e segue o seu sinuoso passo na direção do Beco do Carvão.

O sofrimento daquela criatura provocava a revolta das mães de família no pedaço do Godinho. Aquilo era paixão. O culpado de tudo era Bastião, o português, pai dos filhos dela.

Desde cedo, foi-me contada toda a história para que nem passasse pela minha cabeça associar-me à malta escarnecedora.

Antes de ser Cachorra, ela fora simplesmente Maria, uma mocinha da Vila do Conde, dada a uma conhecida de sua madrinha, em Salvador, que fez a caridade de aceitá-la para o serviço doméstico. Uma escrava depois da abolição. Não

deu outra, logo virou pasto dos filhos da patroa e dos amigos deles, da implacável turma do Largo da Saúde. Graxeira ³ era pra isso mesmo, diziam. Sua patroa benfeitora, deu-a de presente a um pedreiro português, preocupada com a eventualidade de uma gravidez constrangedora para a sua família. Imagine o vexame de uma criança com a cara do avô!

O nome do novo dono de Maria era Bastião, dono de um pequeno depósito de carvão em um beco do Godinho ⁴, chamado de Vila Menina, rapidamente rebatizado de Beco do Carvão em razão da prosperidade deste depósito. Era um imigrante que só pensava em trabalhar. Trabalhar para ganhar dinheiro. Dinheiro para juntar. Pecúlio para mandar para a santa terrinha, onde diziam ter deixado uma cachopa vestida de preto. Sua fisionomia jamais foi surpreendida em situação de sorriso. Amigos, não os tinha. Amizade era coisa dispendiosa. Comprar roupa nova para visitar a casa dos outros, nem pensar! Não cultivava as camaradagens fortuitas do balcão da venda de Serafim.

Intimidades ⁵, conversa fiada, ter que pagar uma brama para alguém, tudo isso estava fora de co-

gitação. Namoro e casamento estavam fora de qualquer cogitação. Não se tem notícia de sua passagem pelo Beco do Girassol, na Baixa dos Sapateiros. Lá, as meninas de Jandira –bundosa putona! – entretinham os pequenos e grandes machos do Bairro da Saúde, a preços módicos. Em brega, nem de graça. Já pensou, pegar um cancro ou uma blenorragia? Um dinheirão de médico e remédio. Quando lhe deram aquela criatura, suas necessidades estavam satisfeitas. Uma empregada portadora de genitália era a solução mais segura e mais barata. Triste sorte, triste sina, triste ama; de carvão, de mesa e de cama.

Maria não sabia escrever um ó com um copo, mas era boa de conta. Ninguém a enganava. No balcão da carvoaria, não perdia o tanto das latas de gás e de manteiga ⁶ que enchia para os fregueses. Bastião podia dedicar-se inteiramente às suas obras, com a certeza do dinheirinho limpo e sempre crescente.

Aqueles dois formavam um casal soturno, quase assombração. As fofoqueiras da rua, faziam mil conjecturas sobre a relação dos dois. Como nunca freqüentassem os aniversári-

os, casamentos e festas de rua, Carnaval e São João, não havia pistas que dessem ar de verdade a mexericos. Será que eles se falavam? Ele batia nela? Ninguém sabe. Uma vez, ela apareceu com um olho desmentido, meio remelento. As más línguas imaginaram-no obra de Bastião, mas bem que podia ser coisa do próprio negócio do carvão. Apesar de todas as especulações, uma coisa era certa: fizeram dois filhos,

– E não foi por obra e graça do Espírito Santo, Deus me perdoe a blasfêmia, dizia Dona Palmira, batendo na boca ⁷!

Silêncio, mistério, brutalidade, tudo excitava a imaginação dos moradores do bairro. A turma da esquadrilha da fumaça viajava a imaginação no caso de Bastião e Maria Cachorra. Bililico chegou a formular uma delirante teoria.

– Olha aí, galera. Se liguem nessa, carvão é feito do quê? De madeira e ervas, não é? Aquele pó de carvão pode dar barato. Maria Joana torradinha, sacaram?

Os cachaceiros da venda de Serafim, levavam tudo para o buraco da maldade. Era inimaginável,

para eles, uma trepada entre a Maria Cachorra e o Bastião. Será que eles gritavam, será que se arranhavam, ou era só papai-e-mamãe? Nunca ninguém saberia. Zé do Violão, que sofria de males de amor, como todo bom poeta e seresteiro de esquina, dedilhava, em sua clássica seqüência de acordes lá menor-dó maior, o trecho do samba:

O português agora deu o fora,
Foi-se embora
E levou seu capital.
Desprezou quem tanto amou outrora,
Foi-se Adamastor pra Portugal,
Pra se casar com a cachopa...

E não deu outra. Um belo dia, Bastião sumiu. Foi-se embora pra Portugal.

– Será que volta? – todos perguntam.

Naqueles mais de 15 anos, já tinha feito um pé-de-meia considerável. Comprou umas casinhas, que alugava. Construiu, como faziam os espanhóis, um pequeno edifício de dois andares, cerca de quatro apartamentos, um dos quais de moradia de Maria e dos filhos. Diziam que tinha dinheiro depositado no Banco de Minas Gerais, na Baixa dos Sapateiros.

– Como ia ficar esse patrimônio? – perguntavam vozes cobiçosas.

Bastião voltou. Com uma velhota gorducha de lenço preto na cabeça, pé de porrete como ele.

– Branca, sem graça, um pirão cru – dizia minha mãe.

Disse, pra quem conseguiu ouvir, que esta era a sua esposa. Comprou o andar de cima de uma casa confronte à nossa, onde instalou-se com a patrícia. Ela era a sua Maria Cachopa. Aos domingos, com roupa de ver-Deus, desfilavam de braço dado, em direção às igrejas do centro da cidade. Ela usava um sapato de salto largo e alto, ao modo de enfermeira nazista nos filmes do Jandaia. Ele ostentava calcanhares desproporcionados, que amarfanhavam o velho Passo-doble mal engraxado. Cada vez que eles passavam, minha mãe não perdia a oportunidade para exercitar o seu ultra-nacionalismo, na lembrança da História da Bahia.

– É por isso que o povo do tempo da Independência cantava:

Maroto pé de chumbo,
Calcanhar de frigideira,
Quem te deu a ousadia
De casar com brasileira?

Não davam um bom dia para ninguém, e se dessem, ninguém responderia.

E Dona Maria Cachorra?

Ela foi para a rua. Rosnou, grunhiu, cuspiu, soluçou, chorou feroz a sua paixão, para que ninguém deixasse de ver e ouvir a sua lenta e pública destruição. Ela entrou na casa de cada um, e com ela a polêmica. Para os pais e maridos, aquele era um caso comum, mais uma dentre tantas mulheres largadas que desatina. Era caso de sanatório. Para as mulheres, era a humilhação de todas. Velha, feia, pobre e preta, era mulher e tinha coração. Certamente por isso, éramos todos obrigados a nos referir a ela, na ausência, na presença e in memoriam, sempre por extenso, como DONA MARIA CACHORRA, com todo o respeito.

- ¹ **Gaitadas** – risada gaiata, de deboche.
- ² **Foveira** – suja, encardida e empoeirada como fera, fauve em francês. Galicismo.
- ³ **Graxeira** – tratamento pejorativo das empregadas domésticas, em Salvador.
- ⁴ **Godinho** – parte do Bairro da Saúde, em Salvador, localizado na encosta direita da Baixa dos Sapateiros.
- ⁵ **Brama** – nome genérico de cerveja.
- ⁶ **Latas de gás e de manteiga** – latas de flandre, originalmente usadas para a embalagem de querosene e de manteiga salgada, utilizadas na venda a retalho de carvão, de areia, arenoso e outros cereais.
- ⁷ **Bater boca** – discutir em voz alta, de maneira vulgar.

VOVÓ BUNDONA



Os líricos afirmam que a palavra exclusiva da língua portuguesa é **saudade**. Para nós baianos, cientes de nossa língua brasileira, que já passou de português segundo Noel Rosa, a palavra preciosa é **bunda**. Outros falares portugueses conhecem a palavra **rabo**, que nós também conhecemos e usamos, em situações de maior seriedade, como por exemplo:

– Tira este rabo daí!

Conhecemos todos, europeus, africanos e brasileiros a palavra **cú**. Para eles, lá, é uma palavra corriqueira que significa apenas um terminal. Falam, sem pejo, em feiras e supermercados:

– Olha o cú do melão para ver se está maduro!

Para nós, além de pornográfica é uma palavra muito grosseira:

– Vá tomar no seu...! Não há nada mais raivoso.

A bunda é diferente. Ela é uma palavra carinhosa, uma expressão estética, um grito de exaltação:

– Que bunda!

Bem verdade que no aumentativo bundão e no diminutivo bundinha incorpora uma forte dose de ironia. Na sua versão pop recuperou a coloquialidade familiar como **bumbum**.

Não ter bunda é um grave defeito:

– Desbundado! você não tem bunda para enfrentar esse desafio!, sinônimo de frouxidão e de covardia.

No campo da História, esta palavra brasileira traz consigo a evidência da herança antropofísica de nossas ancestrais africanas, que se disseminou pelo seu ventre generoso para grande parte da população brasileira. Portentosa, ela desfila e transita por toda a parte, não coberta por um biquine,

disfarçada por uma saia ou contida por uma calça jeans.

Para a maioria das mulheres, uma bunda bem feitinha é um importante patrimônio. Para outras, no entanto, é motivo de desgosto, e até de crise de identidade. Este foi o caso de Alzira. Aliás, Doutora Alzira dos Reis, com todo o respeito. Ela era uma negra meio fula, assim aformigada, alta, esbelta, de feições finas, e portadora de uma bunda admirável. Era uma beleza da natureza; bem desenhada, durinha, empinada, um sucesso por onde passava. Sua irmã Almira também fazia furor nos ensaios do Ilê. O grande Obá ¹ Vovô não escondia o seu entusiasmo por aquele monumento afro-brasileiro. De nada adiantava o olho grande dos marmanjos. Eram moças direitas, estudiosas, de família.

Alzira sofria muito por causa daquela bunda. O assédio era insuportável, da cantada ao passamão, sem contar os terríveis beliscões no carnaval e nas festas de largo. O que mais incomodava era o chamado “terra”. Os malandros aproveitavam o ônibus cheio para colarem atrás e constrangerem a moça ao implacável roça-roça. No

único ônibus que servia a Saúde era um inferno. Nele atuava um predador perigoso de nome Pitombo. Ele encostava na Praça da Sé, impunha a Alzira e a outras vítimas o contato com aquele pão cacetinho que carregava dentro das calças. Só desgrudava no largo da Saúde.

Lá um dia, Pitombo sumiu, para alívio geral. Todos ouviram no ônibus o relato heróico de Iracema, uma de suas vítimas habituais. Resolvida a sofrer pela última vez, ela suportou pacientemente o *full contact* até o largo da Saúde. Quando o busú² parou, Ela armou um escândalo:

– Descarado, respeite as moças da Saúde, está pensando que isso aqui é brega? ³ Esta era a senha.

Os dois irmãos de Iracema, dois negões mal-assombrados, cercaram o Pitombo para explicações. Não dava para negar, a calça do safado estava toda molhada. O acusado teve que tirá-la na vista de todas as suas vítimas, que vergonha! Aplicaram-lhe algumas dedadas punitivas para ridicularizar a sua masculinidade, e pintaram-lhe o traseiro de *spray* amarelo. Trêmulo, desceu a Ladeira da Saúde, sob as vaias do povo vingado.

– Bem feito! – disse Dona Palmira- quem manda bulir com as filhas dos outros?

Nem só as agressões a incomodavam, os afetos também. Conheceu e apaixonou-se por Vilson da Cruz, um jovem comerciante de materiais de construção, caprichoso, inteligente e trabalhador. Um rapaz de muito futuro, digno de uma farmacêutica bioquímica. Pelos seus méritos foi levantado *Ogan*⁴ pelo Ogum⁵ de Dona Cinha. O casamento era de gosto das famílias biológicas e da família de santo. Formavam um belo par. Ambos altos, ela portadora daquele luxuoso adereço, pareciam juntos um berimbau, com a cabaça virada para baixo.

A discórdia surgiu desde o namoro. A moça estava decidida a casar donzela, em respeito aos pais. Para preservar os três-vinténs⁶, Alzira concedia ao noivo a entrada pela porta dos fundos. Era uma situação transitória, assim pensava, porque logo após o casamento, Vilson teria acesso livre à perseguida⁷. Desde a romântica primeira noite, o jovem marido ignorou solenemente a via própria para insistir nos hábitos do noivado. A bunda de Zizí era irresistível!

Desapontada, ela protestou contra aquela impropriedade, alegando os sagrados direitos conjugais. Ela se considerava uma esposa honesta e exigia respeito. Mais a mais, ela sonhava em gerar filhos lindos. Vílson contra argumentou com uma inusitada teoria jurídica sobre o sexo no casamento.

– Zizí, eu casei no civil e no religioso, e por isso tenho direito à frente e ao verso!

– Ai Vílson, se é assim, então use a frente também!

O jovem marido finalmente convenceu-se e passou a usar plenamente os seus direitos.

Para ela persistia uma situação desagradável . O pecado era a sua bunda que estimulava o desejo irresistível do marido. A solução era emagrecer, murchar a bunda, cortar o mal pela raiz. Não hesitou. Bateu em todas as portas dos seus colegas da área de Saúde. Frequentou endocrinologistas, naturalistas macrobióticos, consultou até o espírito-doutor Fritz. Ficou com o pescoço fino, os peitos caíram, as pernas secaram, mas a sua bunda continuou empinadinha!

Passou a queixar-se com Deus e o mundo. Um deboche aqui, um risinho ali, todos faziam de conta não

entender o drama da farmacêutica. Um dia, armou-se de coragem e confidenciou o seu problema a um vizinho, o professor Cid Limeira, uma unanimidade na Bahia. Sábio e paciente, o professor ponderou:

– Minha filha, não adianta ir contra a natureza. Isto não é uma questão de obesidade. Esta é uma herança genética, sua e de sua família, veja Almira. Isto vem de longe, da nossa querida África, dos Hotentotes, um povo Banto originário da África do Sul. Assuma a sua identidade africana e seja feliz!

– Minha identidade africana eu assumo, meu marido é Ogan de Cinha. Minha nação é Ketu ⁸. Isso só podia ser coisa de Angola ⁹. Bunda nunca mais! Vou dar uma de Michel Jackson e vou fazer uma plástica corretiva.

Doutor Mário Katzman era o mais festejado cirurgião plástico da cidade. Dizia-se dele maravilhas, um artista, um arquiteto de formas humanas. Era também profundamente religioso e importante dirigente da Sociedade Israelita. Um homem temente Àquele, cujo nome não pode ser pronunciado em vão. Recebeu atenciosamente a

nova cliente e ouviu as suas queixas. Descobriu-a para exame. Não se conteve.

– Adonái! ó Senhor de Israel! É uma maravilha da natureza. Eu não sou digno de interferir em Vossa criação!

Desculpou-se e, por motivos religiosos, recusou a cliente.

Zizí entrou em depressão. O seu trauma eram aqueles glúteos. Às favas a identidade africana. Ela, nagô confirmada, não tinha nada a ver com aquela coisa de Angola. Sua auto-estima foi para o fundo do poço. Este era um trabalho para um psicanalista. Muito recomendaram a Doutora Albioni. Com ela estabeleceu um contrato psicanalítico. Duas sessões semanais, cento e cinquenta reais cada uma, a metade do seu salário de professora de química. Todo esforço valia a pena para superar o trauma anatômico.

Ao longo de cinco anos regridiu ao ponto de lembrar a primeira mamada em Dona Etelvina, que Deus a tenha em bom lugar! Descobriu como seu pai era autoritário e certamente submetia a sua velha mãe ao mesmo suplício sexual. Quem sabe

se aquele velho tarado não desejou fazer o mesmo com a sua própria filha. Tão sério e tão formal, não passava de um sem vergonha como todos os homens. Desenterrou todas as brigas com as tias velhas e reviveu a antiga disputa com a mana, exatamente por causa do tamanho da bunda. Alzira azedou. Passou a tratar Vílson com agrestia, logo ele, tão carinhoso e gentil, mesmo na hora fatal do vuco-vuco. Virou a cabeça, ficou chata, inconversável, mas a bunda continuou no mesmo lugar, um impávido colosso. Desesperada, descobriu então que a bunda era perpétua.

Era quarta-feira, tomou seus banhos de folha, vestiu-se de branco, foi procurar Dona Cinha.

– A bênção Mãe Cinha!

– Oxalá mesmo que lhe abençoe, Minha Filha! O que se passa com você, Minha Doutora?

– Estou bem não, Minha Mãe. Meu casamento está desandando.

– Mas o quê, Minha Filha, seu marido é vistoso, inteligente, um homem independente, que não precisa de patrão nem depende de chefe, o

que você queria mais? Botou até a loja dele de parede meia com a sua farmácia! É fiel a você, isto eu garanto. Tem resistido ao frete de muitas iaôs¹⁰ asanhadas aqui do terreiro. Olha, tem uma criatura de Oxum, que diz ser sua amiga, ela é falsa. Ela fez de um tudo, procurou ousadia, arriou até ebó¹¹, e Vílson nem deu bola. Despeitada, saiu espalhando que ele é viado. Nada disso, ele gosta muito de você, Minha Filha. Não desperdice o casamento que Iemanjá arrumou pra você.

– E essa bunda, Mãe?

– Ora, Minha filha, não me faça perder a paciência! Você não é a primeira nem a última mulher de bunda grande na Bahia, aliás, uma bunda muito gabada pelos homens. Você sabe muito bem do que e de quem eu estou falando... É isso mesmo que você está ouvindo. Outro dia Vílson fez cara feia pra ele, quase os dois se pegam. É o ciúme, Minha Filha!

– Mas Mãe! O meu marido só quer me pegar por detrás! Que agonia!

– Olha Zizi, vou lhe falar francamente. É melhor que seja você do que as raparigas. Tire o seu da reta, negaceie um pouco, bote ele pra fazer outras

coisas, mas de vez em quando, deixe ele entrar. Marido, Minha Filha, é que nem chuchu de cerca. Não tem mais gosto de nada, mas agente come para não dar ousadia à vizinha de comer. Tem mais uma coisa que você precisa saber. Ele é de Ogum ¹², impulsivo, abridor de caminhos, um furador nato. Ele não vai mudar de natureza. Dê tempo ao tempo.

O tempo foi passando. Vílson foi perdendo as forças, Zizi cada dia ficava mais resignada, aquele era o preço da felicidade. No entanto, ela ainda carregava um certo travo de amargura por causa da sua bunda.

De repente tudo mudou. Akaenaton o primeiro, Aquataluche, a segunda, dois netos lindos que encheram de alegria a vida de Zizí. Avó é mãe com açúcar, dizem. Zizí era mel. Era melaço, cobertura de bolo e todo o excesso de doçura que se possa imaginar. Cacau e Lucha eram os dengos da vovó. Só eles poderiam conseguir a façanha de fazer Zizí reconciliar-se com a sua própria bunda. Ela morria de rir, quando os dois chegavam, corriam para ela, enroscavam-se em sua cintura e gritavam inocentemente:

– VOVÓ BUNDONA!

- ¹ **Obá** – rei entre os yorubás.
- ² **Busu** – ônibus.
- ³ **Brega** – zona, zona de prostituição.
- ⁴ **Ogan ou Ogã** – cargo hierárquico no candomblé. Diácono, embaixador, representante.
- ⁵ **Ogum** – orixá dos yorubás, ferreiro, militar, abridor de caminhos.
- ⁶ **Três vinténs** – cabaço, hímem.
- ⁷ **Perseguida** – vagina.
- ⁸ **Ketu** – reino yorubá, localizado na parte norte do atual Kenia.
- ⁹ **Angola** – candomblé de Angola. Culto dos inquices.
- ¹⁰ **Iaôs** – iniciados no candomblé.
- ¹¹ **Ebó** – oferenda. Feitiço.

○ PROTESTO DO POETA



Um desses dias, Catí convidou-me para ir a uma sessão mediúnica, no centro espírita que ele frequenta. Bem maior que a solidariedade do cunhado era a curiosidade de voltar a uma sessão espírita. Lá se vão exatamente 40 anos que virei as costas para o espiritismo, logo depois que um tal Edvaldo, incorporado pelo Dr. Fritz, tentou me curar da obesidade à custa de colheradas de sargaço pisado em jejum. Argh! Preferi o materialismo, para desgosto do meu pai, um kardecista convicto da cientificidade do espiritual.

As sessões mediúnicas sempre foram um mistério em minha adolescência. Meu pai dizia que nelas circulava muita carga magnética, por causa da frequência de espíritos malévolos e zombeteiros, prejudiciais aos menores de mente fraca. Para ver as maravilhosas manifestações dos espíritos,

restavam-me as sessões familiares do "evangelho no lar", sempre às noites de quarta-feira, nas quais meu pai lia e predicava sobre o "Evangelho Segundo o Espiritismo", e minha mãe recebia o Caboclo Pena Branca, um irmão de luz sempre muito atento ao nosso desempenho escolar e às nossas companhias. Vez por outra, o Velho me levava às sessões do Dr. Pedro, um juiz negro aposentado que morava na Rua da Glória, bem perto do Godinho, nossa casa. Impressionava-me o desempenho do filho do dono da casa, um jovem negro e gordo como eu, cego, que incorporava o Caboclo Tibiriçá e outros guerreiros da aldeia. Falava uma língua embolada. Ficava sempre muito intrigado porque o caboclo do filho de Dr. Pedro falava fino e o caboclo de minha mãe falava grosso. Isso era por conta do mistério.

Bem verdade que o Velho fez tudo para que eu freqüentasse a União Espírita Baiana, mais conhecida como a sessão de Aurelino. Aos domingos pela manhã, havia sessões de doutrinação para jovens, longas e complicadas aulas sobre a Dialética do Espírito, de Hegel, ministradas por um estudante universitário com cara de professor de matemática. Até que era interessan-

te ouvir falar de um Deus racional, que duvidava ser mesmo divino, e para ter certeza disso precisou criar o seu oposto, nós matéria imperfeita, para, depois de tanta história, cair na real que é Deus mesmo. Mas a doutrina do domingo de manhã sofria a concorrência irresistível das pré-estréias dos cinemas Tupi e Jandaia. Imperdíveis! Graças a elas, tínhamos uma semana de vantagem nas conversas com os colegas de sala sobre as façanhas de Audie Murphy e Randolph Scott. Talvez por isso eu não me tenha formado um bom espírita.

Agora entendo que minha curiosidade resulta da falta de boas sessões mediúnicas, aquelas em que o copo anda, as cadeiras levitam e as pessoas se transportam. Estas, sim, eram experiências parapsicológicas!

* * *

Aceitei o convite de Catí. No carro, ele falou-me da sessão de Seu Aloísio.

– Fica no Dique do Tororó, bem em frente aos Orixás do Tati Moreno.

– Sei, sei, na Usina!

– Não, não, um pouco mais pra lá.

O Dique Pequeno, assim chamava minha Mãe. Ainda me lembro como se fosse hoje. Era sempre muito excitante quando ela dizia:

– Hoje vamos fazer uma visita a Dona Jandira.

Era uma senhora educadíssima. Recebia-nos a velas de libra. Servia sempre umas bolachinhas de goma que derretiam na boca. Magrinha, com um cabelo comprido em trança, era a cara de Iemanjá, tal como via nas imagens e nos retratos! Ela era de candomblé e enfermeira. Sei que tinha uns caboclos na vida dela. O que dava um toque clandestino às visitas era a especial circunstância que esta senhora tinha um filho com um tio meu, um primo da rua, cujo nome eu era proibido de pronunciar em qualquer conversa com os meus outros primos. Isso dava um gosto especial de jogar gude e fura-pé com ele.

Em um clima de curiosidade e de mistério, lá estava eu de novo, mais de cinquenta anos depois, no Dique Pequeno, na sessão de Seu Aloísio.

Era uma sessão muito conceituada, freqüentada por alguns dos mais respeitados médiuns da Vasco da Gama, do Rio Vermelho de Baixo e adjacências. O mais famoso deles era Seu Nonô das Gordas, aliás, Waldenor do Espírito Santo. Era um negro caprichoso, muito direito, que ostentava um saber profundo sobre o espiritismo. Diziam até, que ele aprendera francês para ler Alan Kardec no original. Era um tipo magro, meio careca, de rosto retilíneo, de uma qualidade meio cabo-verde. Seu apelido era auto-explicável. O motivo de sua fraqueza era muito singular: a atração irresistível por senhoras gordinhas.

Já fora contador de uma grande loja de modas na Avenida Sete de Setembro. Chegou mesmo à condição de interessado, quase sócio. Perdeu o emprego por faltar com respeito com a cunhada do patrão, Dona Zilá, uma senhora bem provida que manuseava com maestria os figurinos franceses. Foi sua perdição. Sempre teve uma tesão irresistível pelas gordinhas, e logo por aquela que entendia tão bem a língua do Grande Codificador do espiritismo. Lá se foi a carreira de empresário do Seu Nonô.

Também na contravenção não prosperou. Chegou a ser contador-chefe de uma fortaleza de bicho na Baixa do Bonfim, da inteira confiança de seu Delson. Mais uma vez procurou ousadia com Dona Linda, uma rechonchuda senhora que, na mesa branca recebia Joana Darc, e no Engenho Velho incorporava uma barulhenta Obá. Por desinformação, ele incorreu em dois agravantes. Não sabia que no mundo do jogo de bicho, o respeito a um apostador que vai receber o seu prêmio era sagrado. Pior, não sabia que a Obá de Linda tinha um chamego com o Xangô de Seu Delson. Fatal, quase leva um tiro. Até hoje se arrepende de ter passado a mão na bunda daquela senhora. Hoje, resignado, ganha sua vida como contador da loja de ferragens de seu Carmo, na Conceição.

Na sessão de Seu Aloísio, tudo isto se transforma. De Nonô das Gordas, motivo de deboche em toda a Vila América, vira o médium que recebe Castro Alves, Victor Hugo e outros espíritos franceses que conviveram com o Codificador.

Outro fenômeno é o Professor Albergaria. Este sim um homem estudado, brancão, doutor de tese

e diploma, fluente e escrevente na língua do Codificador. Apesar do currículo admirável, dedicou a sua vida à gaiatice e ao escárnio geral. Não bebe, não fuma, não fornicava. O seu prazer sempre foi verbal. Observa e divulga todos os defeitos alheios e faz disso a sua etnografia. Os confrades acreditam que o professor saiu do sério por causa do convívio com o espírito que ele recebe. Ypiranga, esta é a entidade. Em vida fora um negão, torcedor fanático do auri-negro baiano, amigo de Isaltino, grande craque ipiranguense. Enchia o rabo de cachaça quando o Ypiranga ganhava, e quando perdia também. De tão fanático, terminou trabalhando para Seu Cristóvão, da Transportadora Ypiranga, que mantinha um ônibus funerário para o transporte gratuito de defuntos e para a correspondente aquisição de votos. Por força desta opção profissional e clubística, Ypiranga terminou embarcando e desembarcando mais de mil defuntos. Absorveu assim todas as exclamações emocionadas.

– Tão bom, Deus levou!

– Já vai tarde!

– E agora, quem vai dar um nome a meu filho?

– Mocréia!

– Um bom marido, mansinho, mansinho...

– A viúva tá liberada!

– Me perdoe meu bem, não precisava fazer isso!

Quanta dor, quanta carga negativa! Só podia ser o que é, um espírito zombeteiro, perturbador de todas as manifestações mediúnicas na sessão de Seu Aloísio. Ele não poupava nem Castro Alves.

* * *

Neste dia, depois de preces e concentrações, Seu Nonô entrou em trabalho mediúnico. Pálpebras cerradas, voz embargada, o espírito identificou-se: era Antônio de Castro Alves em poesia e verdade.

Cati fez a maior festa.

– Castro Alves! Você namorou uma parenta de papai, Dona Brasília, da Rua do Bângala ! Em

sua memória, ela ficou invicta, moça velha, e criou dois meninos pobres, Dodô Gordo e Dodô Pequeno.

– Irmão, no plano em que eu estou, não posso mais reviver estes sentimentos carnavais. Isto retarda a minha caminhada de luz. Disse o poeta.

– Quá, quá, quá, qual é Cecéu? Brochou!

Eis que surge Ypiranga à mesa, tossindo e fungando. E todos sentimos o bafo da saudosa aguardente Jacaré, a mais cara e a mais procurada.

– Que moral de jegue é essa Cecéu? Continuou Ypiranga.

– Você continua encostado em duas senhoras muito respeitadas: Dona Conceição Condé e Dona Mira Braga. A primeira guarda a sete chaves uma mecha do seu cabelo, e a outra gasta tinta com a sua biografia. Pais de família, fechai as portas que espírito de Don Juan continua a passar!

– Oh espírito da maledicência! Não vê que jamais importunaria senhoras de tão vasta cultu-

ra e de reputação ilibada. Mais a mais, não seria o segundo em qualquer paixão. A primeira destas senhoras incorpora um germânico mofino que fala Tupi. Pasmem! A segunda incorpora o Jorge Amado, companheiro de letras mundanas, que quase me convencia a freqüentar a Dona Flor. Não, absolutamente não! Apaixonada de amigo, para mim é homem.

Seu Aloísio interveio, providencialmente, para evitar que o Ypiranga monopolizasse o diálogo com o Poeta.

– Irmão poeta, a que viestes aqui? Todos acreditávamos que vossa caminhada já estivesse mais avançada, na direção do seu progresso espiritual. Porque não aceitastes uma nova encarnação? Muitos acreditavam que estivesse reencarnado em um professor da Faculdade de São Lázaro, também poeta, de basta cabeleira branca. Irmão, é preciso desligar-se da vida passada para seguir o seu caminho de luz!

– Irmão Presidente. Das minhas paixões já acalmei meu coração; da minha tuberculose, já me aliviei; mas da luta pela redenção da raça negra não consigo desligar-me. Tanto que lutei pela

abolição e hoje vejo o povo negro empobrecido, rebaixado e revoltado. Devo continuar o meu apostolado!

– Qual é poeta. Você é mesmo um descompreendido. Você é branco, do século dezenove e abolicionista. A negrada de hoje prefere ouvir falar do Cão que de abolição. A bola hoje está com o Movimento Negro Unificado. Não há mais lugar para poetas condoreiros. Os poetas de hoje são quilombolas. Você precisa ler Edson Cardoso e Jônatas Conceição.

– Afinal, que defeito tem a minha poesia? – falou o poeta através a garganta rouca de Nonô.

– Quanto à minha pessoa, nada fiz que envergonhe a minha vida – continuou. Sou branco como o meu avô, o Periquitão do Sertão da Bahia. Republicano, revolucionário, lutou lado a lado com os negros pela Independência da Bahia. Fui fiel ao seu legado político. Jamais cedi à tentação de acomodar-me à monarquia. Não me troco pelo Machado, que vocês tanto incensam, um passivo diante da escravidão e da monarquia. Acho muita graça em vocês, quando tentam identificá-lo como negro, o que ele em vida jamais pretendeu.

Fui e sou abolicionista, o que em meu tempo era sinônimo de socialista. Que mal há nisso, do que me acusam?

Fronte molhada de suor, veias latejantes nas têmporas e no pescoço, pálpebras cerradas e mãos trêmulas, tudo em Nonô demonstrava a emoção que lhe transmitia o poeta incorporado.

– O poeta rodou a baiana. Comentou, comportado, Ypiranga.

Mais uma vez o presidente da sessão interveio para acalmar os espíritos e para devolver a palavra ao poeta manifestado.

– Respeito muito a luta contra o racismo de hoje em dia e os esforços para reparar todos os seus efeitos. Mas exijo respeito para a luta de nossa geração que viveu sob o regime da escravidão e insurgiu-se contra ela. Denunciei o seqüestro dos filhos do seio das mães, os castigos corporais, os assassinatos, as humilhações. Cantei o direito à vingança das vítimas do cativo. Não vos quero enfadar com os meus poemas, mas, por favor, escutem algumas estrofes do meu Bandido Negro:

Trema a terra de susto aterrada...
Minha égua veloz, desgrenhada,
Negra, escura nas lapas voou.
Trema o céu...ó ruína! ó desgraça!
Porque o negro bandido é quem passa,
Porque o negro bandido bradou:
Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz,
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

– E disse mais:

Somos nós, meu senhor, mas não tremas,
Nós quebramos as nossas algemas
Pra pedir-te as esposas ou mães.
Este é o filho do ancião que mataste,
Este – irmão da mulher que manchaste...

– E concluí:

Trema o vale, o rochedo escarpado,
Trema o céu de trovões carregado,
Ao passar da rajada de heróis,
Que nas éguas fatais desgrenhadas
Vão brandindo essas brancas espadas,
Que se amolam nas campos de avós.
Cai, orvalho de sangue do escravo,

Cai, orvalho na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Com palmas compassadas, em gesto bem debochado, ao estilo de seu médium, o professor Albergaria, Ypiranga contra-atacou:

– Qual é Cecéu! Nem eu, nem o movimento negro comemos essa bola. Você recitava esses seus versos para moçoilas rendadas e jovens engravatados que jamais viram um guerreiro quilombola. Para que serviram os seus versos, ó poeta dos escravos?

Apoiado na beira da mesa, Nonô levantou-se, e de sua boca saíram palavras do poeta:

– Tenha paciência, senhor Ypiranga, se não sabes para que serviram os meus versos é porque ignoras a história. Estes meus versos moveram a ação de moçoilas e janotas, que esconderam os escravos que arrombaram porteiras e mataram feitores, e os conduziram a quilombos seguros. Aqui mesmo nas terras da Bahia, estes meus versos animaram os do Clube Carijé, da Vila da Cachoeira, a apoiarem o levante dos cativos do

Outeiro Redondo, na Freguesia de São Félix, em 1887. Estes são fatos e datas, senhor Ypiranga! Quilombos, eu os conheci. Fui o primeiro a cantar Palmares:

Nos altos cerros erguido,
Ninho de águias atrevido
Salve! – país do bandido!
Salve! – pátria do jaguar
Verde serra, onde os Palmares
– Como indianos cocares
No azul dos Colúmbios ares,
Desfraldam-se em mole arfar!

Salve! Região dos valentes
Onde os ecos estridentes
Mandam aos plainos trementes
Os gritos do caçador!
E ao longe latidos soam,
E as trompas de caça atroam...
E os corvos negros revoam
Sobre o campo abrasador!...

Palmares! A ti meu grito!
A ti, barca de granito,
Que no soçobro infinito,
Abriste a vela ao trovão

E provocaste a rajada,
Solta a flâmula agitada,
Aos urros da marujada,
Nas ondas da escuridão!

De bravos soberbo estádio!
Das liberdades paládio,
Tomaste o punho do gládio,
E olhaste rindo para o val.
"Surgi de cada horizonte,
Senhores! Eis-me de frente!"
E riste...O riso de um monte!
E a ironia de um chacal!

Cantem eunucos devassos
Dos reis os marmóreos paços,
E beijem os férreos laços,
Que não ousam sacudir..
Eu canto a beleza tua,
Caçadora seminua,
Em cuja perna flutua
Ruiva a pele de um tapir!

Crioula! O teu seio escuro
Nunca deste ao beijo impuro!
Fugidio, firme, duro,

Guardaste-o pra um nobre amor.
Negra Diana selvagem,
Que escutas, sob a ramagem,
As vozes que traz a aragem,
Do teu rijo caçador!

Salve! – Amazona guerreira!
Que nas rochas da clareira,
– Aos urros da cachoeira
Sabes bater e lutar...
Salve! – nos cerros erguido –
Ninho, onde em sonho atrevido,
Dorme o condor...e o bandido,
A liberdade... e o jaguar!

– Nada mais tenho a dizer. Vou subir – disse o poeta – que o meu médium está muito cansado. Peço apenas justiça para a minha poesia. Julguem cada tempo no seu tempo, e guardem todos os tempos na memória do povo.

* * *

Terminada a sessão, pairava um grande peso sobre todos nós. Nonô suava muito e era reconfortado por sua Gorda atual. O professor Albergaria continuava a fazer as suas gracinhas:

– Imagine, Diana Selvagem! As nêguinhas de hoje são todas periguetes. Só querem saber do arrochal!

Ninguém tinha mais paciência para deboches.

Por um instante recrimei-me por nada ter dito ao poeta. Ia dizer o quê? Pior seria prometer providências a um espírito tão ilustre e não poder cumprir. Não, isso não! É atraso de vida, na certa. Ainda assim, pensei em algumas ações que poderiam levar estes versos libertários às grandes massas. Quem sabe, se convencêssemos João Jorge a adotar a poesia de Castro Alves como tema de um carnaval do Olodum? Melhor seria se a Rede Globo fizesse uma mini-série de televisão sobre a vida heróica do Poeta. São possibilidades...

Tocam estridentes os celulares.

– Catí, são as nossas Rádio-patroas! Vamos embora!



Este livro foi publicado no formato 12x17 cm
Com as fontes *Garamond* no corpo do texto e
Futura MD BT nos títulos
Miolo em papel 75 g/m²
Tiragem 800 exemplares
Impresso no setor de reprografia da EDUFBA
Impressão de capa e acabamento:
ESB Serviços Gráficos